



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

TEN ENG FRANCISCO JAVIER ALEJANDRO EITO

**ANALISAR OS FATORES QUE LEVARAM AO ÊXITO NA OPERAÇÃO
TEMPESTADE DO DESERTO À LUZ DOS PRINCÍPIOS DE GUERRA DA
SURPRESA E A MANOBRA**

**Rio de Janeiro
2017**



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

1º TEN ENG FRANCISCO JAVIER ALEJANDRO EITO

**ANALISAR OS FATORES QUE LEVARAM AO ÊXITO NA OPERAÇÃO
TEMPESTADE DO DESERTO À LUZ DOS PRINCÍPIOS DE GUERRA DA
SURPRESA E A MANOBRA**

Trabalho acadêmico apresentado à
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais,
como requisito para a especialização
em Ciências Militares com ênfase em
Gestão Organizacional

**Rio de Janeiro
2017**



MINISTÉRIO DA DEFESA

EXÉRCITO BRASILEIRO

DECEX - DESMIL

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

(EsAO/1919)

DIVISÃO DE ENSINO / SEÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor: 1º Ten Eng FRANCISCO JAVIER ALEJANDRO EITO

Título: ANALISAR OS FATORES QUE LEVARAM AO ÊXITO NA OPERAÇÃO TEMPESTADE DO DESERTO À LUZ DOS PRINCÍPIOS DE GUERRA DA SURPRESA E A MANOBRA.

Trabalho Acadêmico, apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito parcial para a obtenção da especialização em Ciências Militares, com ênfase em Gestão Operacional, pós-graduação universitária lato sensu.

APROVADO EM _____ / _____ / _____ CONCEITO: _____

BANCA EXAMINADORA

Membro	Menção Atribuída
ANDRÉ LUIZ VIEIRA CASSIANO - Cel Cmt Curso e Presidente da Comissão	
DANIEL RAMOS LEMOS - Cap 1º Membro	
ARACATTY ANDRADE SARAIVA - Cap 2º Membro e Orientador	

FRANCISCO JAVIER ALEJANDRO EITO – 1º Ten
Aluno

ANALIZAR OS FATORES QUE LEVARAM AO ÊXITO NA OPERAÇÃO TEMPESTADE DO DESERTO À LUZ DOS PRINCÍPIOS DE GUERRA DA SURPRESA E MANOBRA

Francisco Javier Alejandro Eito*
Daniel Ramos Lemos**

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo determinar a relação que teve a vitória das forças aliadas contra o exército do Iraque na operação Tempestade do Deserto com os princípios da guerra da manobra e surpresa. A vitória é a finalidade de toda operação militar, mas para alcançá-la é necessário superar as dificuldades apresentadas pelo inimigo, o terreno e a situação que se vive no momento do conflito armado. Muitos são os exemplos que podem ser levados em conta, porém a mais recente e decisiva vitória foi a das forças aliadas na operação Tempestade do Deserto, conseguindo finalizar o confronto em pouco tempo e com mínimas baixas próprias. Porém cada solução serve só para um problema, devendo realizar uma análise diferente para alcançar a vitória em cada enfrentamento. É por isso que se procura no desenvolvimento do estudo determinar como influíram os dois princípios mais presentes no planejamento e execução desse caso, a surpresa e a manobra, para tirar aqueles ensinamentos que servirão para resolver aqueles problemas que surgirem num conflito futuro.

Palavras-chave: Operação Tempestade do Deserto. Manobra. Surpresa. Vitória.

ABSTRACT

This work aims to determine the relationship between the victory of the allied forces against the army of Iraq in the operation desert storm and the principles of the war of maneuver and surprise. Victory is the purpose of every military operation, but in order to achieve it, it is necessary to overcome the difficulties presented by the enemy, the terrain and the situation experienced at the time of the armed conflict. Many are the examples that can be taken into account, but the most recent and decisive victory was the one of the allied forces in the Desert Storm operation, managing to end the confrontation in a short time and with minimal own casualties. However, each solution solves only one problem, and it is necessary to perform a different analysis to achieve victory in each confrontation. That is why this study's development seeks to determine how the two principles most present in the planning and execution of this case, the surprise and the maneuver, have influenced the lessons that will help to solve those problems that arise in a future confrontation.

Keywords: Operation Desert Storm. Maneuver. Surprise. Victory.

1. INTRODUÇÃO

☒* Primeiro Tenente da Arma de Engenharia. Licenciado em Condução e Gestão Operativa pelo Colegio Militar de la Nación (CMN) em 2010.

☒**Capitão da Arma de Engenharia. Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 2004. Mestre em Ciências Militares pela Escola de Aperfeiçoamentos de Oficiais (EsAO) em 2012.

“A Guerra do Golfo Pérsico de 1991 é um conflito de referência para a compreensão da Guerra Moderna, apresentando numerosos dados para entender a aplicação da doutrina na realidade bélica e serve, adequadamente explorado, para compreender os lineamentos necessários de interoperabilidade no caso eventual de projeção das Forças Armadas que participam em coalisões multinacionais.”(CASTELLI, pp 9)

Dentro dessa guerra uma operação teve realce por sobre outros acontecimentos. A Operação Tempestade do Deserto trouxe a avançada tecnologia para a sena e com isso a destruição do quarto maior exército do mundo (do Iraque). Mas dentro desse contexto também incluiu uma série de ensinamentos importantes para a arte da guerra que podem ser estudados para seu emprego no futuro.

Desde as primeiras ações políticas até o desbordamento final do dispositivo iraquiano, podem ser encontrados vários exemplos relacionados com os princípios da Surpresa e a Manobra, tanto na estratégia nacional como na tática dos elementos de primeira linha.

Assim com o estudo desse caso histórico pode ser aumentado o entendimento dos conflitos atuais, analisar os fatores que intervieram no conflito e como os problemas foram solucionados a partir do cumprimento dos princípios anteriormente mencionados. Isso com o intuito de preparar as mentes dos militares profissionais, para alcançar resultados semelhantes aos obtidos na operação Tempestade do Deserto.

1.1 PROBLEMA

O relacionamento das pessoas é uma necessidade não só para a subsistência da espécie mas também para o desenvolvimento da vida diária. É também por causa do relacionamento que surge o confronto entre interesses encontrados; os denominados conflitos. Estes nasceram junto à civilização e acompanharam ela numa constante evolução, sempre procurando achar um método inovador que superasse o utilizado pelo inimigo.

Porém nem toda mudança leva ao êxito, mas só aquela bem direcionada a partir de determinados fatores que facilitam a obtenção da vitória. Com o passar do tempo e o estudo das experiências obtidas nas batalhas da história foram polidos os Princípios de Guerra, representando o marco onde pode ser desenvolvida a arte da guerra que se mantém em plena vigência até nos complexos teatros de operações atuais.

Sendo esses princípios conceitos abstratos, a aplicação material deles fica ao livre arbítrio do engenheiro do comandante combinando cada um na justa medida, adaptando-se à situação vigente.

Todavia, e levando em conta as características da região da América do Sul, a experiência real obtida pela ação no campo de batalha se limita a conflitos muito diferentes dos que se desenvolvem na atualidade, de natureza complexa e amplo espectro.

Tomando como ponto de partida esta afirmação, pode-se inferir que o estudo tem que ser orientado a conflitos mais recentes, mas com uma visão prospectiva tentando resgatar aqueles ensinamentos que possam ser adaptados numa situação futura ainda não conhecida.

É por isso que no momento de escolher um exemplo para poder fazer uma análise detalhada se optou pela operação Tempestade do Deserto, sendo que ela conta com determinadas características úteis para o planejamento futuro das operações, tais como: Atualidade, emprego de tecnologia avançada, obtenção da vitória com poucas baixas, possível ameaça futura, dentre outras.

No entanto, um estudo muito amplo se estenderia além da finalidade do presente trabalho, dificultando assim a formulação de conclusões concretas. Logo a análise será feita à luz dos principais princípios de guerra preestabelecidos em relação à sua conexão com a obtenção da vitória com o intuito de explorar aquelas experiências que possam ser aproveitadas em operações próprias no futuro.

Tomando como base o anteriormente descrito foi formulado o seguinte problema:

Em que medida influenciaram os princípios de guerra da manobra e surpresa para a obtenção da vitória na operação Tempestade do Deserto?

1.2 OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Identificar os fatores que levaram à vitória na operação Tempestade do Deserto e os ensinamentos derivados que podem ser aplicados em conflitos futuros, à luz dos princípios de guerra da Manobra e Surpresa.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Para alcançar o objetivo geral e abordar a investigação e análise organizadamente, assim como determinar o alcance da pesquisa, foram levantados os seguintes objetivos específicos:

- a) Relatar os acontecimentos que causaram o conflito;
- b) Descrever e analisar o ambiente geográfico dentro do Teatro de Operações e sua relação com os princípios em questão;
- b) Relatar o desenvolvimento cronológico da operação;
- c) Analisar a abordagem dos princípios no planejamento e estágios prévios à operação;
- d) Analisar as ações que materializaram os princípios no desenvolvimento da operação;
- e) Analisar os resultados obtidos pela observância dos princípios em questão e sua relação com a obtenção da vitória;
- f) Concluir sobre a aplicação atual dos princípios da manobra e surpresa tomando como base a análise realizada.

1.3. JUSTIFICATIVAS E CONTRIBUIÇÕES

“Do estudo das guerras, constata-se que elas têm aspectos de ciência e de arte. Do ponto de vista científico, a história das guerras é marcada pela evolução da tecnologia, resultando no desenvolvimento constante dos engenhos e na conseqüente mudança das condições de batalha. Como arte, o estudo envolve uma análise crítica e histórica do ambiente bélico, de onde se pode extrair muitas lições, entre as quais alguns princípios fundamentais, suas aplicações e combinações ao longo do tempo. Um dos produtos dessas análises, tanto da arte quanto da ciência, é o conjunto de princípios de guerra, que exprimem os ensinamentos oriundos da História. Não são, porém, princípios imutáveis nem casuísticos, nem eles por si só asseguram receitas infalíveis para a vitória. São aspectos gerais que se estendem desde a estratégia até a tática.”(BRASIL, pp 3-8)

No caso deste trabalho analisaremos dois princípios que podem ser relacionados nos fundamentos. O Manual descreve a Manobra como a “capacidade de movimentar ou dispor forças de forma a colocar o inimigo em desvantagem relativa e, assim, atingir os resultados que, de outra forma, seriam mais custosos em homens e material” (BRASIL, p 5-4) enquanto a Surpresa é definida como o “emprego de força onde o oponente, em um contexto de tempo e espaço, não esteja preparado ou só perceba a situação quando já não pode apresentar uma reação eficiente”(BRASIL, p 5-3). Mas, além disso, compartilham qualidades posto que “a manobra procura destruir a coesão inimiga, por meio de variadas ações localizadas e inesperadas”(BRASIL, p 5-4) e a surpresa se caracteriza pela “originalidade, audácia nas ações, sigilo, inovação tecnológica e, sobretudo, pela velocidade de execução das ações e dissimulação de intenções” (BRASIL, p 5-3).

A guerra do golfo e especificamente a operação Tempestade do Deserto é um claro exemplo do emprego dos princípios anteriormente descritos. Nela se reúnem a estratégia, a tática e a tecnologia, tanto para obter uma posição vantajosa sobre o inimigo quanto para surpreendê-lo, conquistando assim uma vitória rápida e decisiva, digna de ser estudada e levada em conta para os próximos conflitos.

Mas o estudo desses ensinamentos deve ser orientado com uma visão prospectiva, na qual devemos identificar não ações pontuais, mas aquelas que poderão ser adaptadas para resolver os conflitos que atualmente se desenvolvem ou que estão por vir.

2. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do presente trabalho foram empregadas fontes secundárias, principalmente livros, tanto na língua inglesa quanto a espanhola, gráficos e relatos dos combatentes, comparados com informação geográfica do terreno e clima da região.

Neste estudo de caso será empregado um método de abordagem **fenomenológico**, procurando resolver o problema de investigação levando em conta uma interpretação dos fatos como eles aconteceram.

Foi empregada a modalidade de pesquisa **exploratória** procurando os principais fatores que levaram à vitória na Primeira Guerra do Golfo, para posteriormente determinar sua relação com os princípios da guerra da Manobra e Surpresa.

3. RESULTADOS E DISCUSÃO

3.1 Antecedentes:

Desde o início dos tempos o Oriente Médio foi um centro de desenvolvimento da civilização, dando origem à escrita, o primeiro código de leis conhecido e grandes avanços nas matemáticas. Contudo essa região foi também cenário de inúmeros conflitos bélicos, tanto por causas religiosas quanto políticas, cujos resultados marcaram o percurso da sua história.

Um exemplo claro desses confrontos é a primeira guerra do golfo, cujas origens se remontam à criação do Emirado de Kuwait. Havendo pertencido ao império otomano, Kuwait começou seu processo de separação logo depois da primeira guerra mundial impulsionado pelo Reino Unido. Já durante a segunda guerra mundial são descobertas jazidas de petróleo no

território dessa nação, convertendo-se em um dos maiores produtores mundiais. Em 1940 a Arábia Saudita reconheceu a independência do emirado, que graças à venda de petróleo conseguiu se desenvolver tecnologicamente. Mas é também produto disso que os EUA começaram se interessar na região, investindo na fundação de empresas para a exploração de petróleo.

Na década de 50 surgiu um movimento nacionalista que conseguiu diminuir a influência das potências europeias na região, mas não foi o caso dos EUA que continuaram mantendo seus laços econômicos com os países petrolíferos. Em 1960 eclodiu no Iraque um levante das forças armadas, colocando o seu líder Qasim no poder, que mediante reformas nacionalistas convenceu as outras potências produtoras de se unir na OPEP, e assim controlar o mercado do petróleo no mundo. No ano seguinte, Qasim tentou adicionar o Kuwait ao próprio território fundamentando que teria formado parte da antiga província otomana de Basrah e, portanto, pertencia aos domínios do Iraque.

A Liga Árabe reagiu rapidamente e aderiu ao emirado do Kuwait. Em resposta o Iraque denunciou os estados árabes de terem traído as suas raízes e estarem apoiando o domínio dos ocidentais na região. Contudo as ameaças se acalmaram momentaneamente, para ressurgir na década dos 70, anos durante os quais os iraquianos se confrontaram com os kuaitianos em pequenos combates na fronteira. A principal causa era a intenção de anexar as ilhas de Bubián e Warbah para estender o litoral marítimo do Iraque. Porém a reação internacional obrigou as tropas a recuar, mas as reclamações continuaram.

Já nos anos 80 se desencadeou a guerra do Irã-Iraque, momento no qual os EUA e a Liga Árabe tiveram de apoiar o Iraque produto do temor à instabilidade que provocariam as regras de jogo iranianas. Outras medidas foram tomadas em contrapartida, com a criação do Conselho de Cooperação do Golfo, através do qual os emirados de Kuwait, Arábia Saudí, Bahrein, Omã, Qatar e os Emirados Árabes Unidos, acordaram manter a segurança regional. Assim o Iraque viu frustrados seus interesses de se converter no principal e mais forte país árabe e protetor contra os perigos e invasões. Assim EUA encontrou uma forma de manter o controle através de forças regionais sem aparecer como um país estrangeiro se intrometendo em assuntos locais, enquanto continuava desdobrando suas forças no golfo com o pretexto da ameaça soviética.

Contudo, o apoio prestado pelos americanos e árabes ao Iraque para obter a vitória no confronto contra o Irã teve duas consequências importantes: o aumento no nível de adestramento e equipamento do Iraque, que continuou depois de ter finalizado a guerra, e o grande endividamento desse país com os EUA e os árabes. O primeiro deu uma ferramenta poderosa a Saddam Hussein para se impor como o quarto maior exército do mundo, e o segundo foi a causa que gerou a necessidade para o emprego da primeira.

Assim, impulsionado por seus interesses Saddam Hussein decidiu pela conquista do Kuwait, que não só permitiria a posse das terras historicamente contestadas, mas também significaria o controle de 60% do petróleo mundial, resolvendo dessa forma suas dívidas.

3.2 Análise do ambiente operacional

Como em todo estudo para compreender o desenvolvimento dos acontecimentos é necessário ter uma noção básica dos fatores que atuam no contexto e os efeitos que eles têm sobre as operações. Assim analisaremos as principais características do ambiente operacional da Guerra do Golfo.

A península arábica no verão apresenta temperaturas máximas de até 62°C e uma humidade extremamente baixa, com ocorrência de tormentas de areia que afetam muito a visibilidade. No inverno diminuem as precipitações, com temperaturas entre 9° e 24°C, e melhoram as condições para o combate. Dispõe-se de luz solar entre 0600h e 1630h. Porém as tempestades de areia não estão limitadas pela época do ano. Ainda relacionado com o período de tempo em que tiveram lugar as operações terrestres, as precipitações foram maiores que os registros normais da região. Aumentou conseqüentemente a humidade no ambiente o que provocou a existência de nevoeiros nas primeiras horas do dia.

Continuando com a análise, além das condições meteorológicas, o deserto possui outras características referidas ao terreno que influenciarão as operações. Assim, a vegetação presente é rasa, acompanhada por um relevo uniforme com poucas elevações. Na vazia do Shatt-El-Arab se encontra uma zona coberta por pântanos impeditivos, estendendo-se até as ilhas de Bubiyan e Warbah. Apresenta também bancos de areia que dificultam em certa medida a trafegabilidade através do deserto aberto. Já no sul do país se desenvolvem os característicos wadis (vazias de córregos secos) e os sabkhas (terrenos inundáveis durante as breves chuvas) dificultando a trafegabilidade devido aos solos lamacentos e a altura desses taludes naturais. Mas o obstáculo natural de maior envergadura é o Wadi Al Batin, percorrendo de sudoeste para nordeste pelo

limite entre Iraque e Kuwait, partindo do território da Arábia Saudita e chegando até a mesopotâmia, com uma altura geral que varia de 200 até 80 metros. Partindo do Wadi al Batin na direção Oeste, já no território iraquiano, encontraremos uma região de solo rochoso e plano com caminhos naturais marcados pelas caravanas de beduínos.

Relacionado com a hidrografia a Zona de Interesse só possui o rio Eufrates como curso de água obstáculo, sendo impeditivo para tropas de qualquer tipo.

A rede de estradas principal se estende de Norte para Sul, tendo como exemplo a rodovia da costa e a estrada de Jahra. Outra rede de caminhos menores, mas bem desenvolvidos, conecta as cidades com os portos para facilitar as atividades económicas. No deserto são poucas as estradas existentes. Já no relacionado com as pistas de pouso e decolagem e os aeródromos existiam alguns deles no interior do deserto, essenciais para as operações com helicópteros e aviões.

No que tange a urbanização o deserto não apresenta uma densidade populacional muito alta. Os habitantes se concentravam num conjunto de cidades costeiras, incentivados pelo comércio do petróleo, sendo também esta atividade a única impulsionadora de centros urbanos no interior do deserto. Assim encontramos a cidade costeira de Kuwait, e capital do país, no setor do centro-leste. Ao norte dela encontraremos a localidade de Al Abdaly, na fronteira com o Iraque.

Outro aspecto de importância estratégica no Oriente Médio são os campos de petróleo e sua rede de oleodutos, relacionada diretamente com o desenvolvimento da economia na região e parte dos interesses vitais dos estados envolvidos nos conflitos.

Em síntese, o deserto do Kuwait traz características particulares que podem influenciar no desenvolvimento do combate, tanto limitando quanto favorecendo determinados aspectos:

a. Manobra:

- As condições meteorológicas e o terreno hostil dificultam a manutenção de determinados equipamentos.
- O vento forte dificulta o emprego de helicópteros e a visibilidade nos deslocamentos.
- Os nevoeiros dificultam a visibilidade durante as primeiras horas do dia.

- A relativa uniformidade do terreno facilita o deslocamento de blindados através campo. Já para viaturas sobre rodas e logísticas o terreno é restritivo, chegando a ser impeditivo quando as chuvas tornam o solo muito lodoso. Os terrenos mais afetados são as estradas principais de suprimento pela quantidade e o peso das viaturas que transitam sobre elas.

- A falta de caminhos dificulta a orientação e navegação no deserto, assim como o apoio logístico e o transporte de blindados sobre transportadores a roda.

- A limitada quantidade de localidades importantes dentro do deserto dificulta a logística das colunas blindadas que normalmente se deslocam rapidamente e longas distâncias, sem contar com abastecimento local.

- Nesse tipo de terreno as operações aéreas eram essenciais e com elas os aeródromos que davam uma vantagem significativa para quem os possuísse.

b. Surpresa:

- Os ventos fortes podem reduzir a visibilidade e reconhecimento aéreo facilitando o encobrimento dos movimentos e dificultando a detecção aérea.

- O terreno uniforme e a falta de vegetação dificulta a proteção contra as vistas aéreas.

- O solo muito volátil dificulta um movimento encoberto.

- A limitada rede de estradas facilita a surpresa posto que as estradas da costa constituíam uma via de acesso muito favorável e a mais provável.

- Os nevoeiros facilitam o ocultamento dos movimentos tanto para forças terrestres quanto para o reconhecimento aéreo.

3.3 As forças envolvidas

3.3.1 Iraque

3.3.1.1 Conquista do Kuwait

Assim como atuaram os egípcios na famosa guerra de Yom Kipur, o Iraque planejou uma simulação antes de atravessar o limite internacional. Iniciou então concentrações de força, fazendo com que os outros estados visualizarem isso como exercícios militares ou demonstrações para pressionar no intuito de conseguir a soberania sobre os campos petrolíferos

de Rumaylah e as ilhas Bubiyan e Warbah. Porém, a real intenção só foi percebida às 2300h do 01 de agosto de 1990, quando o Iraque atacou os postos fronteiriços como parte da preparação do ataque principal. Isso alertou as forças do Kuwait, mas o rápido avanço do exército e a marinha iraquiana somado à grande diferença no poder de combate (Kuwait possuía somente quatro brigadas mal equipadas contra quatro divisões de elite) decidiram o combate, conquistando o país em menos de 48 h.

Os poucos sobreviventes das forças do Kuwait se reorganizaram na cidade de Hafar Al Batin, na Arábia Saudita, enquanto os iraquianos ocuparam a fronteira com infantaria e deixaram a Guarda Nacional, seu corpo de elite, no limite NO entre Kuwait e Iraque, compondo uma reserva estratégica.

3.3.1.2 A continuação das operações

A supressiva reação internacional, e principalmente regional, obrigou os iraquianos a tomarem uma decisão dentre três possibilidades:

- Retirar-se do Kuwait com um compromisso árabe.
- Reforçar as posições alcançadas, desequilibrando a região e ameaçando a Arábia Saudita.
- Capturar os campos de petróleo da Arábia Saudita e manter como reféns os ocidentais que se encontravam nesse território.

Mas nenhuma das alternativas era totalmente vantajosa. Um ataque à terra guardiã dos lugares sagrados do Islã seria uma declaração de guerra contra a totalidade da comunidade árabe. Além disso, o estilo soviético na conduta iraquiana procurava a consolidação do território conquistado. Por outro lado, o prolongamento das suas linhas de comunicações afetaria gravemente o apoio logístico, sendo que nas guerras anteriores o suprimento e a manutenção tinham sido alvo de críticas.

Porém o Comando Central (Comando Regional dos EUA no Oriente Médio) supunha que a ofensiva atravessaria o Kuwait e continuaria até o porto de Al Jubayl, o principal da Arábia Saudita. Ainda haviam calculado que todas essas ações demorariam no mínimo de três a seis meses na escalada da tensão e, contudo, mais um mês para uma advertência estratégica. Foi por causa dessa suposição que a ofensiva resultou uma total surpresa estratégica.

Todavia um rápido desdobramento de forças ocidentais a partir do dia 8 de agosto desanimou a continuação do avanço. A reação do Iraque foi estabilizar o frente leste com o Irã concedendo vantagens territoriais e fazendo uma troca de prisioneiros de guerra para poder destinar mais forças para a defesa do Kuwait.

3.3.1.3 Doutrina e organização do exército iraquiano

Uma vez decidida a linha de ação, o Iraque começou seu desdobramento segundo a sua doutrina, com uma mistura entre a soviética e a britânica. Havendo sido colocada em prática durante a guerra anterior, a defesa era a atitude na qual os militares iraquianos tinham mais experiência. Assim, mantinham elementos de reconhecimento na zona de segurança reforçados por infantaria e artilharia, com Postos Avançados Gerais (PAG) fortificados. Aprofundavam a Área de Defesa Avançada (ADA), chegando ainda até a área de reserva, mediante o lançamento de obstáculos de diferentes tipos e de grande magnitude. Para isso foram utilizados campos minados mistos de mais de 350 m de profundidade, cercas de arame farpado, fossos e estacas. As armas anti-carro eram levadas o mais à frente possível, e ainda blindados eram utilizados também com essa finalidade. A doutrina ditava canalizar o inimigo para zonas de destruição também empregando armas anti-carro na profundidade e emboscadas com tropas de operações especiais na retaguarda do inimigo.

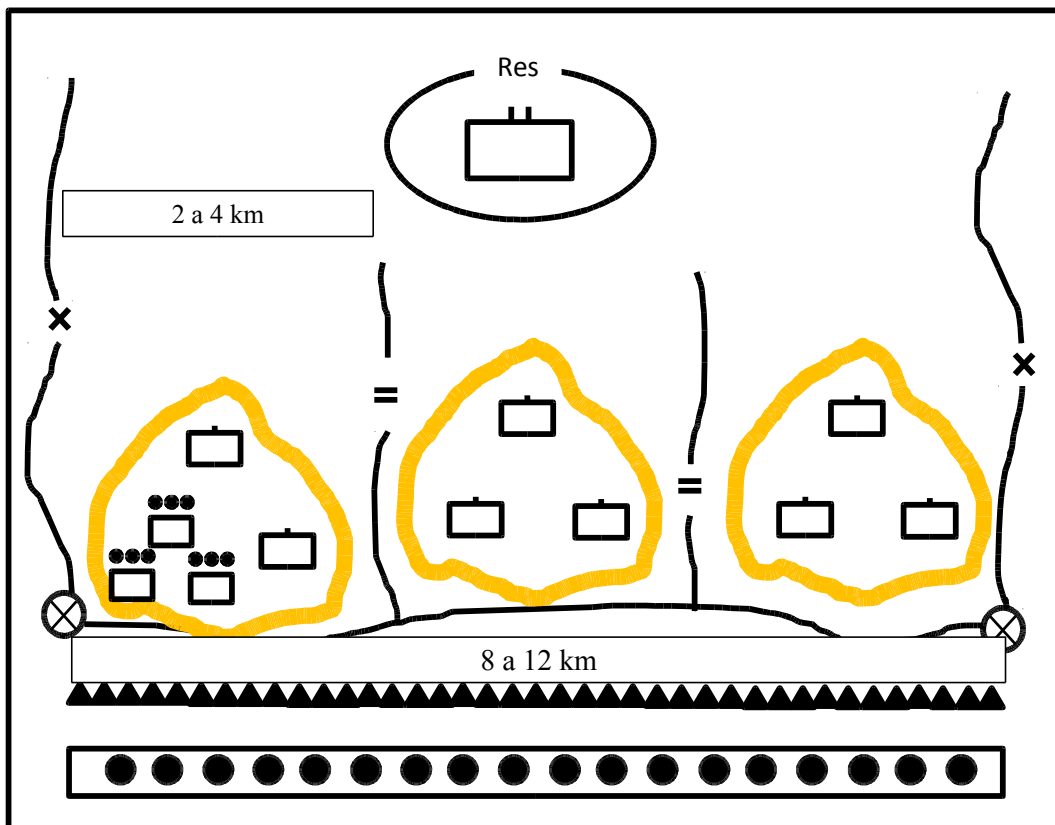


Figura Nr 1: *Desdobramento de uma brigada iraquiana no terreno.*

Fonte: O Autor.

No que tange a disposição de tropas no terreno, podemos ver a distribuição padrão de uma brigada na Figura Nr 1, com um esquema triangular no nível batalhão. Cada posição nível unidade se encontrava rodeada por uma proteção de terra de 3 a 4 m de altura, com somente uma saída pela retaguarda. No centro da posição se encontravam os carros de combate com segurança aos 360° em espaldões com desenfiamiento de couraça.

No centro também se localizavam as instalações e viaturas logísticas. Finalmente a separação entre viaturas era de entre 50 e 100m e entre frações de até 500m.

Quanto ao emprego da força, o Iraque possuía uma doutrina misturada, adaptada na guerra contra o Irã e produto dos diferentes equipamentos que se tinha acesso para completar as frações durante o conflito. Citando um exemplo desses procedimentos, utilizava como centro de gravidade sua artilharia de longo alcance empregada centralizadamente ao mais alto nível de condução, e ainda com capacidade de dispersar agentes químicos e biológicos. Essa capacidade foi colocada em prática na guerra, razão pela qual se constituiu em um dos principais aspectos que os americanos consideraram ao momento de planejar sua ofensiva.

Uma outra característica típica era o emprego da doutrina soviética da maskarovka, pela qual se construíram posições e sistemas de armas simulados tendo influído nas operações de inteligência americana. Isso levou ao erro na avaliação do poder de combate e na real localização dos elementos, gerando assim distrações na preparação aérea.

3.3.1.4 Material Iraquiano

Além de uma doutrina adaptada, os materiais que foram empregados na defesa contra a coalisão provinham de diferentes países e apresentavam características e métodos de emprego distintos, provocando com isso uma diferença notável entre uma organização e outra, assim como um esforço logístico muito grande e complexo. Logo encontrava-se tecnologias de países como Itália, África do Sul, China, Rússia e EUA. Tinha-se ao mesmo tempo helicópteros franceses e americanos. Porém, os equipamentos russos tinham predominância sobre outros equipamentos.

Um exemplo do exposto é o material de blindados. O Iraque contava com T-55 (canhão 100mm, alcance 1500 m) e T-62 (canhão 115mm, alcance 1700m) nas divisões blindadas do exército regular, enquanto a Guarda Republicana tinha modernos T-72 (canhão 125mm,

alcance 2000m). O mesmo acontecia na distribuição de outros tipos de equipamento, ficando o melhor para as divisões da Guarda Republicana.

Quanto ao material antiaéreo contavam com vários modelos soviéticos e ocidentais, como o SA-8 Gecko para defesa de pontos estratégicos e alcance de 15000m, e o sistema Roland para defesa tática e alcance de 6300m. Já na artilharia de campanha contavam com o equipamento francês CGT, material autopropulsado de 155mm.

A força aérea dispunha de 700 aviões das famílias MIG, Mirage e SU. Porém sendo tecnologicamente inferiores a seus pares americanos, sua atuação se viu reduzida aos primeiros dias de confrontos aéreos.

Todavia o Exército do Iraque dispunha de armas que podiam ser consideradas de importância estratégica. Estamos falando dos Mísseis Scud, com um alcance variável entre 300 e 600 km e a possibilidade de ser montados com ogivas químicas e biológicas. Também tinham a versatilidade de poder ser lançados desde plataformas fixas ou móveis, o que significou uma grande ameaça para os aliados que destinaram o esforço principal da preparação aérea e até o emprego das forças especiais na procura destes sistemas de armas. Contudo a localização não foi efetiva, tendo sobrevivido ao conflito quase a totalidade dos lançadores, mas diminuindo a quantidade de lançamentos realizados.

3.3.1.5 A preparação para a defesa

Como foi dito anteriormente o alto comando iraquiano não aprofundou a sua manobra operacional ofensiva, trocando-a por uma defensiva, eludindo uma ação decisiva e perdendo a iniciativa. Assim colocou o esforço principal a Leste na fronteira do Kuwait, enquanto aceitava o risco a Oeste na fronteira do próprio território, procurando não dispersar suas forças.

Já na defesa tática do Kuwait se procurava manter o terreno e destruir o inimigo à frente do LAADA, com um primeiro escalão defensivo numa posição fortificada. Porém foram deixadas as principais vias de acesso livres (Wadi al Batin a Oeste e a estrada que conduzia a Salmi no Kuwait) para permitir uma penetração e posteriormente aniquilar o inimigo dentro de uma zona de destruição. Mais à retaguarda e dentro do Kuwait uma segunda linha defensiva tinha a missão resistir os ataques canalizados e contra-atacar (reserva tática local). Porém se o inimigo continuasse avançando uma terceira linha (Reserva Operacional) nas proximidades da ilha de Bubiyan defenderia o acesso ao Iraque e os campos de petróleo de Rumaiylah (terreno pretendido pelo Iraque).

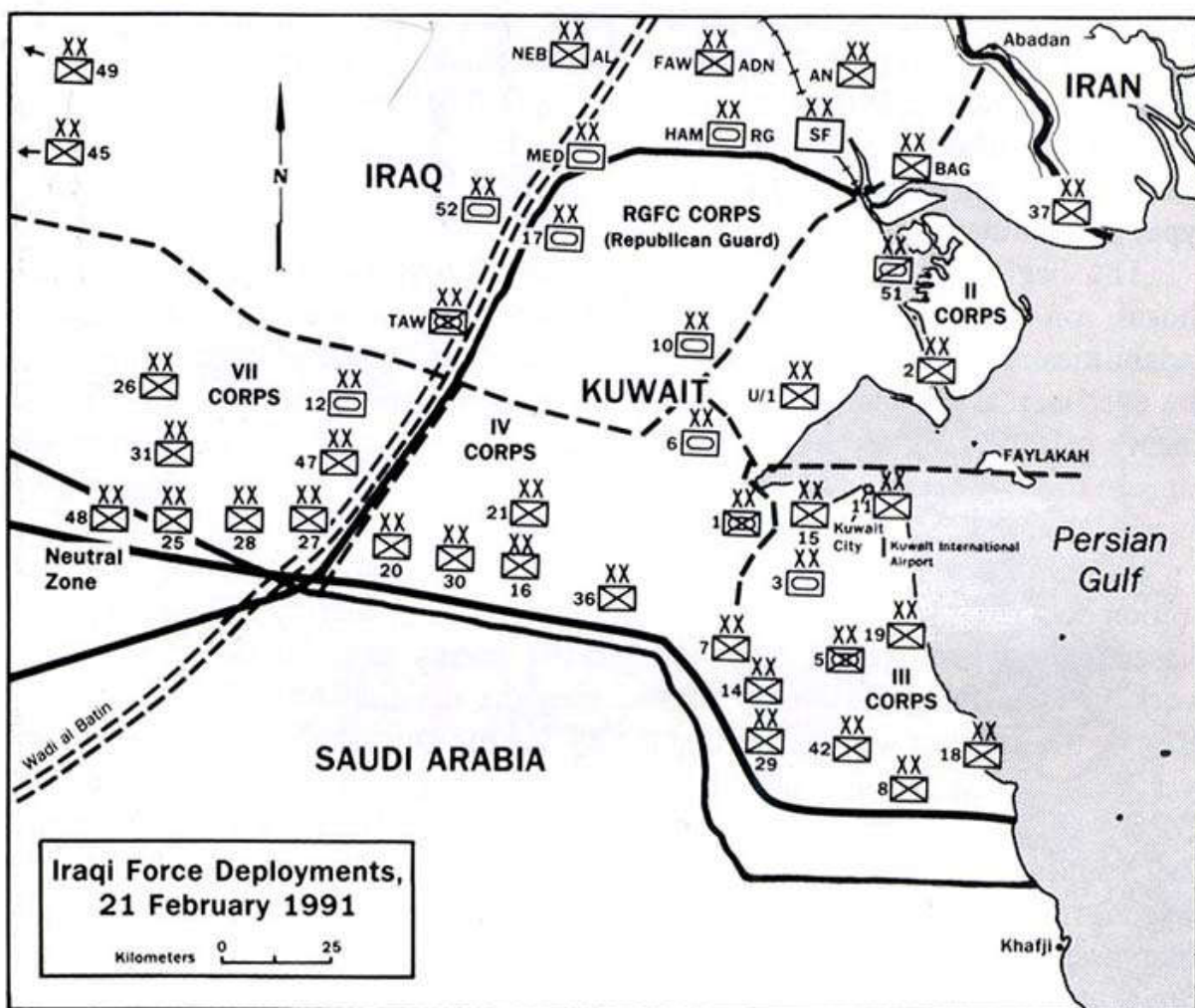


Figura Nr 2: *Desdobramento da força iraquiana*
 Fonte: BROWN, Ronald J.

3.3.2 A coalizão

3.3.2.1 Resposta aliada.

No mesmo dia 2 de agosto em que as forças de Saddam Hussein invadiram o território do Kuwait, tanto a ONU quanto outros países condenaram esta ação empregando diferentes medidas para provocar o recuo das tropas. George Bush, o então presidente dos EUA, foi o principal impulsionador desse tipo de pressão, impondo embargos e enviando seu poder militar para a região de conflito.

É importante destacar a ação desse líder nacional no relacionado à conduta estratégica da Guerra do Golfo. Ele conseguiu não só o apoio dos seus aliados da OTAN, mas também dos Emirados Árabes, culturalmente ligados ao Iraque, e ainda do seu antigo inimigo da Guerra Fria, a Rússia. Esse isolamento tomou totalmente por surpresa o governo iraquiano, quem além

de não ter previsto tal apoio recebeu uma imagem internacional muito desfavorável. Enquanto isso EUA tinha ganhado um aliado local como base para começar sua mobilização de tropas e a manutenção logística de seus elementos desdobrados. Ainda conseguiu eliminar o apoio da superpotência e principal supridora de armamento, tecnologia e informação do inimigo.

Essa resposta foi rápida o suficiente para dissuadir a continuação de ações ofensivas por parte do Iraque. A mobilização e desdobramento de forças dentro do TO recebeu o nome de Operação Escudo do Deserto ou “Desert Shield” em inglês. Uma primeira fase do 7 de Agosto até o 8 de Novembro de 1990, consistiu na conformação de uma força militar com o tamanho e poder suficiente para reforçar as sanções da ONU, principalmente constituída pelos americanos. Para isso deveria contar com uma força terrestre viável junto com sua respectiva estrutura de suporte, sendo que ambos deveriam estar constituídos com elementos que se encontravam a meio caminho e distribuídas ao redor do mundo. Para isso valeram-se da infraestrutura local como apoio logístico à mobilização.

Quatro objetivos políticos foram determinados: Conseguir o retraimento das forças do Iraque fora do território do Kuwait, restabelecer o governo legítimo do Kuwait, Defender Arábia Saudita, e por ultimo proteger os cidadãos americanos que se encontravam na zona de conflito. Deles foram desenvolvidos outros três objetivos militares: dissuadir a continuação das agressões do Iraque, melhorar as capacidades militares e defensivas da Arábia Saudita, e defendê-la se for necessário.

Assim a mobilização foi planejada em três fases. A primeira consistia numa força de dissuasão imediata organizada com base em dois porta-aviões, o emprego da Força Aérea dos Estados Unidos para obter a superioridade aérea, e o envio de forças terrestres leves. A Segunda aumentava a superioridade aérea com capacidades de bombardeio e o emprego dos aeródromos locais; também adicionava poder naval e a primeira tropa terrestre blindada, pertencente aos fuzileiros navais. Finalmente na terceira fase eram trazidos as tropas pesadas que davam a capacidade não somente de defender mas também de contra-atacar uma eventual ação ofensiva iraquiana.

O planejamento se traduziu em varias ordens que foram modelando as operações iniciais, de caráter defensivo. Assim no primeiro momento (OPORD 1) as forças árabes defenderiam os pontos estratégicos como os portos e campos de petróleo, tendo como reserva as forças americanas na função de dissuasão. A segunda ordem (OPORD 2) no mês de outubro

empregava o XVIII Corpo Paraquedista e Fuzileiros navais, ambos com forças pesadas, para montar uma defesa em posição à retaguarda de uma força de cobertura árabe. Já em dezembro (OPORD 3) o esquema de manobra empregava dois corpos de exército (o XVIII Aerotransportado e o VII mais pesado) numa defesa em profundidade, adicionando uma referência pouco clara de possíveis operações futuras.

Outros equipamentos estratégicos foram levados ao Oriente Médio, destacando-se entre eles os sistemas de defesa antimísseis Patriot, em resposta aos ataques com os Scud iraquianos. Todavia, esses ataques eram uma das poucas ações ofensivas por parte de Saddam Hussein, que manteve uma atitude defensiva durante a mobilização da coalisão, reforçada em um primeiro momento pela dissuasão aliada aérea até que chegaram os elementos blindados.

Porém a preparação para o combate da coalizão não foi tarefa fácil, tendo varias dificuldades a serem vencidas. Uma delas era a diferença tanto doutrinaria quanto cultural de desenvolver uma guerra, razão pela qual se tomaram medidas importantes desde o inicio, como o treinamento combinado das forças árabes com doutrina ocidental e a criação do Centro de Coordenação, Comunicação e Integração da Coalisão. O primeiro permitiu a integração das forças no nível tático, enquanto o segundo fez o mesmo no nível operacional e estratégico.

Contudo não foram somente os árabes que tiveram de adaptar-se, mas também as tropas ocidentais. Um exemplo disso foi a necessidade de se aclimatar às condições meteorológicas próprias do deserto, tanto para viver quanto para combater. E ainda no nível cultural as operações se viram afetadas, posto que limitaram em tempo as operações com a proximidade do mês sagrado de Ramadan (15 de Março), período que poderia ser aproveitado pelo inimigo para se recuperar das ações ofensivas.

Mais um dos fatores mais importantes na manutenção das relações com os países orientais foi o gerenciamento da tensão existente em Israel produto dos ataques de mísseis Scud iraquianos. O intuito de Saddam Hussein era envolver a Israel na guerra para assim impossibilitar a continuidade do apoio árabe ao desdobramento ocidental. A histórica relação entre a cultura árabe e Israel faria com que a entrada desse país na guerra cortasse os débeis laços que uniam a coalisão. Por isso os sistemas de mísseis Patriot somados à ação da política americana contribuíram em parte com o êxito da operação, solucionando o problema cultural.

3.3.2.2 Emprego de tecnologia

Na Operação Tempestade do Deserto “Desert Storm”, um dos aspectos mais destacáveis foi a entrada em ação de novas tecnologias desenvolvidas ao longo da guerra fria e que não tinham sido provadas antes da finalização do conflito entre blocos. Assim os novos sistemas se constituíram em fatores surpresa muito importantes no desenvolvimento dos confrontos. Claro exemplo disso foi o emprego dos aparelhos GPS que ajudaram na navegação em terrenos uniformes e sem pontos de referencia, assim como permitiram a aproximação das forças pela linha de ação menos provável para o inimigo. Do mesmo jeito serviu para facilitar o comando e controle das operações, posto que os movimentos de grandes unidades podiam ser controlados com grande precisão conhecendo em tempo real a sua localização no terreno. Também se viu melhorada a correção do apoio de fogo, conseguindo realizar fogos com tão só comunicar a coordenada na qual se encontrava o inimigo.

Outra tecnologia que favoreceu em grande medida o comando e controle aliado foi o sistema Joint Surveillance Target Attack Radar System (JSTARS), que permitiu descobrir as posições dos iraquianos para realizar a preparação mediante fogos aéreos, terrestres e navais, assim como no planejamento das futuras operações ofensivas. Ainda durante o combate possibilitaram antecipar os movimentos do inimigo e reagir antes de ser surpreendido. Em apoio a esses radares montados em aviões também se dispunha de informação satelital, principalmente fotografias que revelaram instalações estratégicas na profundidade da retaguarda do inimigo, até mesmo na cidade de Bagdá.

Porém essas tecnologias só significaram uma vantagem maior quando foram combinadas com outros sistemas de armas capazes de explorar as informações e destruir os alvos principais. Assim ficam em destaque as armas inteligentes, tomando como exemplos claros as bombas guiadas por laser e os mísseis Tomahawk, que permitiram atingir esses alvos com uma precisão nunca antes vista. Também foram importantes as plataformas dessas armas como o emprego dos F-117 com tecnologia Stealth, que permitia voar por sobre as armas antiaéreas sem ser detectados pelos radares inimigos.

Já no componente terrestre, as novas tecnologias se viram reflexadas nos novos tanques M1A1 Abrams que possuíam novos aparelhos de visão noturna e termal, assim como pontaria guiada por laser fazendo com que o tiro seja muito mais rápido e eficaz, superando em grande forma as capacidades dos tanques iraquianos. Assim como os carros de combate, os helicópteros AH-1F Apache se converteram nos principais destrutores de blindados, possuindo

a vantagem fundamental da supremacia aérea e armamento antitanque de grande poder destrutivo e maior alcance.

3.3.2.3 Doutrina americana

Nas décadas anteriores à Primeira Guerra do Golfo, os americanos se encontravam imersos na Guerra Fria com a União Soviética, razão pela qual tinham adaptado a sua doutrina aos métodos soviéticos e ao teatro de operações europeu.

Naquela época a doutrina dos países do Pacto de Varsóvia estava baseada no escalonamento de sucessivas ondas de ataques com grande rapidez, mobilidade e surpresa, que rodeariam as forças ocidentais e as destruiriam posteriormente. Para responder a essa ofensiva os americanos desenvolveram a Doutrina da Batalha Aeroterrestre, que procurava aproveitar a maior capacidade tecnológica dos meios de reconhecimento e vigilância, da artilharia de longo alcance, dos mísseis e dos meios de busca de alvos na profundidade do dispositivo inimigo.

Assim a Batalha Aeroterrestre se caracterizava como um combate não linear na qual se procurava mais a derrota das capacidades do inimigo do que a conquista do terreno. Era então seguido um ciclo: primeiro determinar o centro de gravidade operacional do inimigo; segundo coordenar o sistema de fogos conjuntos com a artilharia de longo alcance, de mísseis e foguetes, aviação de ataque, e missões de ataque da Força Aérea, enquanto as forças terrestres se posicionavam para o ataque; terceiro a execução da manobra terrestre aproveitando permanentemente a iniciativa e mantendo a continuidade do ataque; e quarto a continuidade do apoio logístico enquanto se preparavam as operações futuras. Essa doutrina assume implicitamente a posse da superioridade aérea como condição para poder ser executada.

3.3.2.4 Planejamento da Ofensiva

Baseado permanentemente nos conceitos doutrinários anteriormente exibidos, o planejamento das operações ofensivas iniciou-se em meados de setembro de 1990 e desde o primeiro momento tinha a premissa de que a campanha terrestre só seria possível desde que a campanha aérea gerasse as condições necessárias para o lançamento do ataque. Ainda era procurada uma aproximação indireta em detrimento de uma ação frontal.

O começo do trabalho no plano de operações se baseou numa série de considerações: se confrontariam a menor quantidade de forças inimigas possíveis, ultrapassando outras; a força aérea teria que degradar até um 50% as forças terrestres do inimigo para poder lançar o ataque;

e visto a grande mobilidade e rapidez dos meios empregados, seria essencial para o sucesso da operação a rápida aquisição de inteligência, transmissão e referência de alvos.

Além disso as considerações de sustentabilidade das operações foi uma matéria que preocupou os comandantes desde o início do planejamento até durante as operações. O principal exemplo disso foi a escassez de transporte para equipamento pesado, essencial ao rápido deslocamento de meios no teatro de operações.

O plano foi montado tomando como base um desbordamento, no qual o ataque principal seria dirigido pelo Oeste, região com menor concentração de tropas inimigas, enquanto o ataque secundário atacaria a frente do inimigo na fronteira entre Kuwait-Arábia Saudita.

Durante o processo de planejamento foram analisadas duas linhas de ação para a ofensiva. A diferença fundamental se referia à quantidade de corpos que seriam empregados no ataque principal, e em consequência, o quanto a Oeste seriam desdobradas as forças para realizar o ataque.

A primeira alternativa considerava um só corpo de exército para realizar o ataque principal. Tinha as vantagens de ser mais facilmente suprido e que as forças necessárias seriam mobilizadas mais rapidamente até o teatro de operações, além de cumprir com o desejo político de arriscar a menor quantidade possível de cidadãos americanos. A desvantagem principal foi que atacaria ainda a Leste do Wadi Al Batin, onde as forças inimigas se encontravam relativamente concentradas e conseqüentemente resistentes ao ataque, o que produziria muitas baixas numa operação de abertura de brechas.

A segunda linha de ação considerava dois corpos de exército realizando o ataque principal a oeste do Wadi Al Batin. Este conceito foi o adotado visto que seria mais fácil atravessar as posições iraquianas com uma frente maior e confrontando as forças mais fracas do Oeste. A grande desvantagem era a mobilização e sustém de um maior número de forças com grande mobilidade e rapidez e que se constituiu a partir desse momento na principal dor de cabeça daqueles envolvidos na logística.

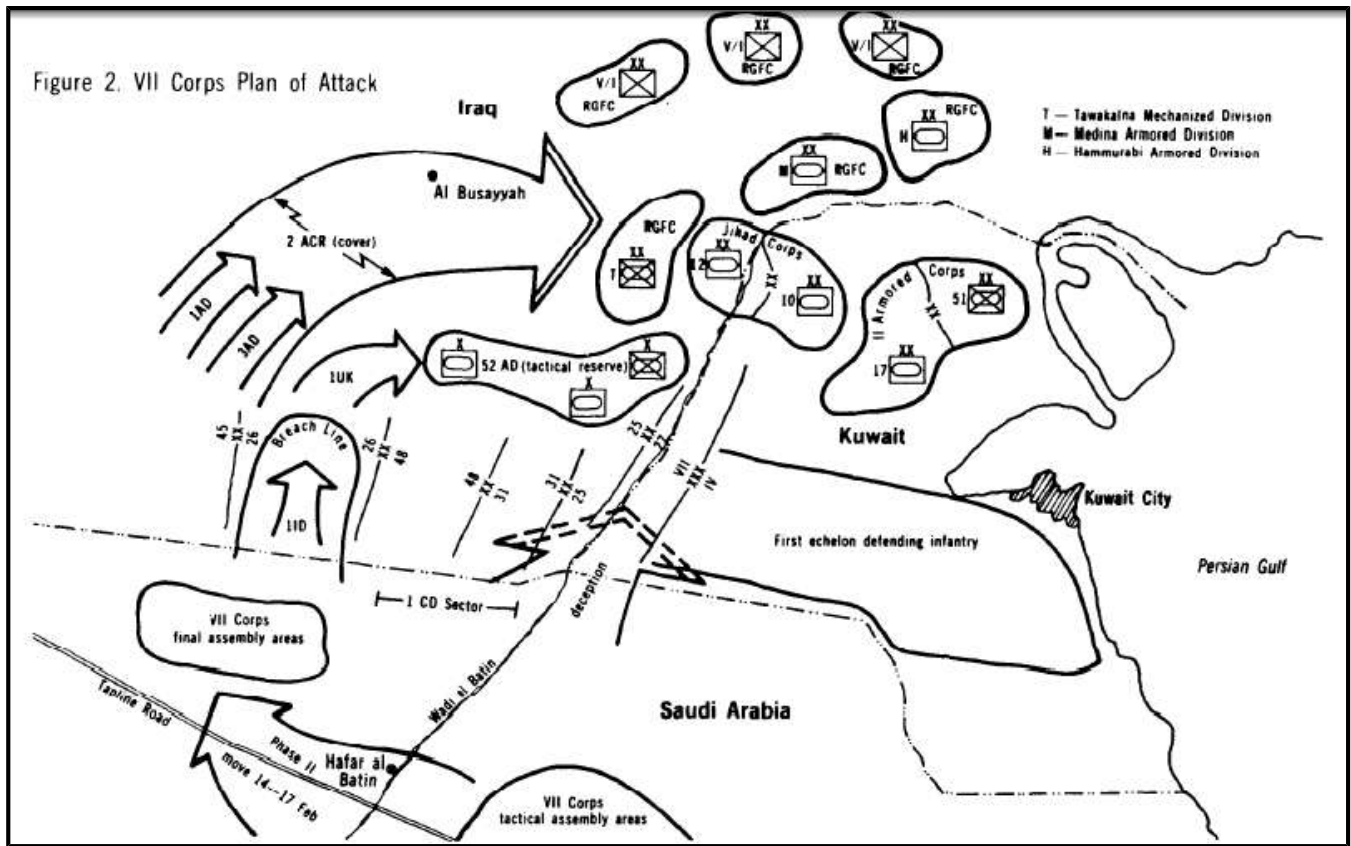


Figura Nr 3: *Plano de ataque do VII Corpo de Exército.*

Fonte: MILITARY REVIEW

Mas além das operações para recuperar o território do Kuwait, a ameaça dos mísseis Scud representava uma preocupação ainda sem solução. Representava também uma grande perda no esforço ter que levar tropas na caça dessas armas estratégicas que procuravam envolver Israel na guerra. Mas a solução dada foi o emprego das forças especiais juntamente com saídas aéreas para eliminar os lançadores desdobrados a Oeste do Iraque.

Finalmente se decidiu que o VII corpo de exército atacaria pela direita do ataque principal, a oeste do Wadi Al Batin, avançaria para norte e leste e destruiria a Guarda Republicana. Enquanto isso o XVIII corpo de exército realizaria o esforço secundário do ataque principal gerando uma diversão em direção a Bagdá, chegando até As Samawah e cortando o eixo de retraimento pela rodovia 8 ao longo do rio Eufrates. Eventualmente poderia continuar para o Sudeste para assistir o VII corpo de exército e reforçar o fechamento dos bolsões de inimigos ultrapassados.

3.3.2.5 Logística

A operação Tempestade do Deserto se caracterizou pela rapidez, mobilidade e grande potencia de fogo na execução de um ataque de desbordamento por um terreno sem obstáculos naturais de grande porte e um terreno que desgastava as viaturas e carros de combate. Todas essas particularidades fizeram com que o apoio logístico aos elementos empregados no primeiro escalão se visse altamente exigido.

A organização logística incluía a instalação de bases logísticas avançadas para cada nível, com um dia de distância no eixo de progressão para cada nível de apoio. Isso possibilitaria o apoio logístico durante todo o avanço do ataque principal, esgotando essa capacidade em proximidades aos objetivos que teriam que ser alcançados por cada elemento em primeiro escalão.

O principal desafio que se teve foi a grande escassez de transporte para equipamentos pesados, mediante os quais se realizavam os deslocamentos iniciais dos equipamentos de grande porte e carros de combate até os locais onde iniciaria o avanço. Grande parte desse material foi fornecido pelos americanos, mas também foi necessário o emprego e contratação de meios locais e ainda assim continuaram sendo insuficientes.

Devido às limitações locais para fornecer o apoio logístico necessário às tropas, a mobilização do VII corpo de exército EUA teve que ser precedido por seus elementos de apoio logístico, em detrimento dos meios de combate pesados. Assim as tropas eram obrigadas a passar do porto diretamente para suas zonas de reunião. Isso somado à falta de transporte para meios pesados, fez com que o tempo necessário para o desembarque dos equipamentos fosse muito demorado, sem conseguir explorar a grande capacidade dos modernos portos existentes.

Ainda o trânsito desde o porto até as zonas de reunião era restrito pela capacidade da rede de estradas existente. A principal via era a estrada “Tapline”, com uma largura que permitia o trânsito nos dois sentidos, mas limitada pelo estado da superfície e pelo constante tráfego de veículos civis.

Esses problemas foram aumentados posto que a logística deveria iniciar seu deslocamento para oeste ao mesmo tempo em que as forças adotariam a posição de partida para o ataque (depois de iniciada a campanha aérea). E ainda seria necessário montar duas bases logísticas avançadas a Oeste do Wadi Al Batin. Assim a fixação do dia de início das operações

terrestres ou dia “G” se viu condicionado pela capacidade da logística de transportar o suporte necessário aos locais de partida para o ataque.

Após o início do ataque seria imprescindível a continuidade do apoio para manter a impulsão do ataque e explorar a surpresa inicial. Para isso a logística tinha que achar uma solução para a diferença na mobilidade entre os carros de combate e as viaturas de apoio que passariam depois. Assim a engenharia foi empregada intensamente na melhoria das condições de trafegabilidade.

Nesse sentido o terreno do deserto não foi o único limitador, mas também as condições meteorológicas. Nas tempestades de areia que se produziram durante as operações ofensivas os blindados conseguiram continuar seu movimento graças aos seus modernos aparelhos de visão e localização satelital, mas isso significou um problema maior para a logística, montada sobre viaturas sobre rodas e sem a capacidade para manter o mesmo ritmo que os elementos do primeiro escalão.

Uma das soluções empregadas para permitir uma relativa continuidade foi a regulação da velocidade de avanço da exploração, rápida o suficiente para não ser ultrapassada pelos elementos de primeira linha, mas necessariamente lento para permitir o aprovisionamento de combustível deles. Uma vez supridos, a distância era rapidamente diminuída posto que o terreno havia sido reconhecido e ficava livre de inimigo.

3.3.2.6 Comando e controle

Assim como a logística, o comando e controle de uma grande quantidade de meios foi uma tarefa difícil. A principal demanda foi a coordenação dos ataques, com dois corpos de exército no ataque principal, forças aliadas no ataque secundário e a campanha aérea acontecendo ao mesmo tempo.

Para conseguir cumprir essa missão utilizou-se um sistema de comunicações e inteligência moderno, que permitia obter uma imagem do campo de batalha nos quartéis gerais da retaguarda. Com isso as resoluções podiam ser tomadas e permitir uma resposta mais rápida por parte dos elementos subordinados.

Outras medidas produtivas foram tomadas para conseguir coordenar as ações de todas as forças envolvidas. Uma importante foi o emprego de turmas de ligação ou “Liason Parties”, compostas por dois ou três militares que se constituíram como pequenos estados maiores,

conseguindo assessorar e assistir nas decisões que deveriam ser tomadas pelos escalões de nível corpo do exército, principalmente naqueles das nações árabes. Desse jeito não só foi possível ajudar no treinamento e coordenação das diferentes forças, mas também transmitir a intensão do comando superior para harmonizar os diferentes planejamentos. Também serviram para solucionar diferentes problemas de meios e apoios laterais de uma forma rápida, liberando o comandante do componente terrestre desse tipo de requerimentos detalhados. Por último, com seus meios de comunicações serviriam para dar um outro olhar das operações em andamento aos escalões superiores e solicitar quando for conveniente a intervenção deles numa determinada situação.

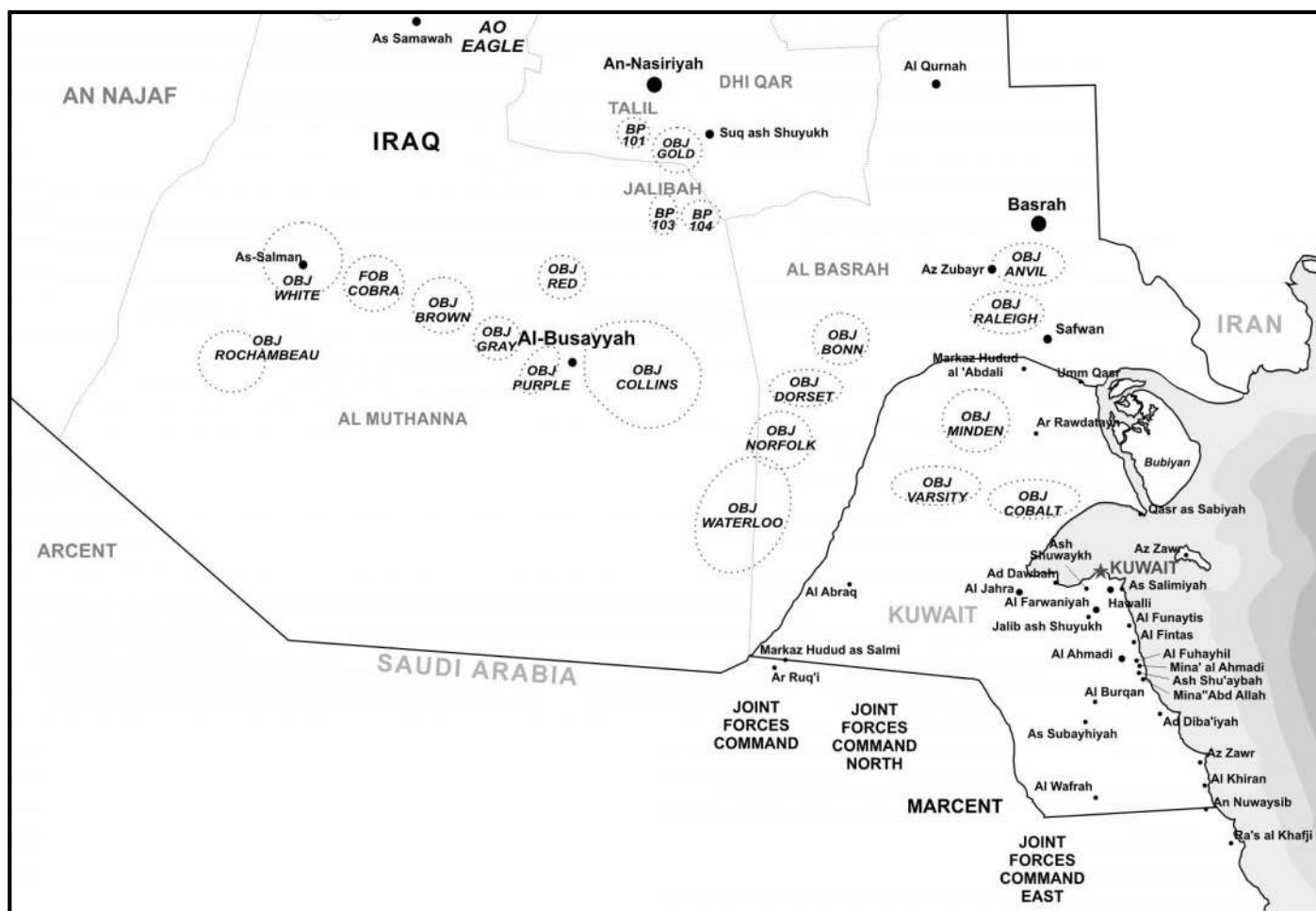


Figura Nr 4: *Medidas de coordenação e controle.*

Fonte: KINTNER, Barry A.

Já no que tange o planejamento do nível corpo de exército e divisão foram empregados sistemas de simulação por computador. Assim eram realizados jogos de guerra permitindo não

só testar os planos criados, mas também reconsiderar ideias que foram descartadas ou incentivar o surgimento de novas ideias.

3.3.3 Conclusões Parciais

a. No exército iraquiano podem ser feitas as seguintes conclusões parciais:

1) Manobra:

- Foi planejada a canalização das forças inimigas para zonas de destruição baseadas nas principais vias de acesso à disposição dos aliados. Também foi prevista uma defesa em profundidade que procuraria contra-atacar segundo a dinâmica da defesa. Porém essas ações não foram bem sucedidas na prática.

2) Surpresa:

- O ataque inicial do Iraque foi surpreendente não só no nível tático mas também no estratégico, conseguindo com isso chegar em tão só um dia até a fronteira do Kuwait com a Arábia Saudita. Porém não soube aproveitar essa vantagem, sendo um erro que desencadeou os outros acontecimentos.

- O emprego da doutrina da maskarovka facilitou o engano dos sistemas de inteligência aliados quanto ao verdadeiro desgaste das tropas e a não localização dos lançadores de mísseis Scud, permitindo também a diversão de grande quantidade de meios na caça dessas plataformas móveis.

b. Já na força aliada foram extraídas as seguintes conclusões:

1) Manobra:

- O rápido desdobramento americano com seu poder aéreo na região do Oriente Médio em resposta do ataque iraquiano permitiu a dissuasão contra a continuação do avanço iraquiano e o posterior apoio local dos Estados Árabes para a mobilização.

- O isolamento do Iraque a nível estratégico facilitou as operações de mobilização, apoio logístico local e legitimação do desembarque de tropas ocidentais no território sagrado do Islã. Também impediu o apoio efetivo dos aliados do Iraque. Desse jeito o Iraque já começou a ficar numa posição desvantajosa.

- O desdobramento dos sistemas Patriot facilitou a defesa contra a ameaça Iraquiana de Scud contra Israel e as tropas desdobradas no Teatro de Operações, provocando a ineficácia da única ação ofensiva do Saddam Hussein na preparação para as operações.

- A implementação de novas tecnologias permitiu a rapidez e orientação suficiente para se posicionar em superioridade frente às tropas do Iraque ainda com condições meteorológicas adversas.

- O emprego dos helicópteros de ataque permitiu adotar uma posição de vantagem permanente frente aos blindados iraquianos.

- O planejamento de uma aproximação indireta pelo setor de menor fortaleza do inimigo facilitou o emprego do máximo poder de combate no momento indicado contra o centro de gravidade do inimigo. Ainda a seleção da linha de ação que atacaria mais para o Oeste facilitou a adoção de uma posição mais favorável para o ataque principal.

- O emprego do XVIII Corpo do Exército Aerotransportado numa missão mais profunda e sobre as vias de retraimento e reforço dos Iraquianos facilitou a destruição dos elementos componentes da Guarda Republicana.

- A logística adiantada permitiu o deslocamento rápido e prolongado das forças blindadas desde o posicionamento até alcançarem seus objetivos no terreno.

2) Surpresa:

- As novas tecnologias outorgaram capacidades que surpreenderam as tropas iraquianas, atacando em direções não previstas pelos defensores. Também o emprego de modernos sistemas de radares e informação facilitou a detecção de todas as ações iraquianas.

- O planejamento do ataque secundário como diversão e a difusão através dos meios de comunicação das ações dos Fuzileiros Navais americanos facilitou o engano dos iraquianos.

- O início do deslocamento da logística e das forças do ataque principal após a obtenção da superioridade aérea para Oeste do Wadi al Batin facilitou o engano do inimigo sobre a real localização do esforço principal na ofensiva.

3.4 Preparação para o ataque terrestre

3.4.1 Campanha Aérea

No dia 16 de Janeiro de 1991 deu início o confronto armado com o envio de saídas aéreas direcionados contra os principais objetivos estratégicos do Iraque, ações que se prolongariam por quarenta e dois dias e provocariam um desgaste paulatino e contínuo nas forças e instalações iraquianas.

Em uma semana se obteve a superioridade aérea, destruindo parte dos aviões iraquianos em terra, e posteriormente a supremacia aérea a partir do momento em que a força aérea iraquiana começou sua retirada para o Irã, na procura da segurança contra os bombardeios aliados e no intuito de reservar parte do poder aéreo para a eventual defesa do território nacional, caso o posterior ataque terrestre continuasse até Bagdá.

Os ataques aéreos eram coordenados pelas Ordens de Tarefa Aéreas ou ATO que determinavam dois tipos de missões para manter a simplicidade na execução: interdição aérea e apoio de fogo aéreo aos elementos terrestres.

Os sistemas de comunicações principais das cidades de Kuwait e Bagdá foram os alvos prioritários e de maior proveito para as intensões da coalizão. O exército iraquiano com uma cadeia de comando muito centralizada e rígida não conseguia operar sem a aprovação dos comandos superiores. Com a destruição dos seus sistemas de Comando e Controle as reações e informação atual do terreno, assim como a exploração do terreno e das ações dos aliados, se veriam afetadas de tal maneira que paralisariam as forças desdobradas no terreno, operando cada uma isoladamente e sem conseguir agir como um sistema.

Na procura da destruição de 50% do poder de combate iraquiano tiveram como alvos prioritários os centros de comunicações, os blindados, a artilharia e a logística inimiga. Porém a responsabilidade na designação das missões a serem realizadas ficou no comando do componente aéreo, que priorizou o emprego estratégico dos meios, em detrimento das missões táticas solicitadas pelos comandantes dos corpos de exército. Assim chegado o momento planejado para iniciar o ataque terrestre não se tinham as condições preestabelecidas, produzindo o adiamento das operações.

Outra causa do relativamente baixo nível de desgaste inimigo se devia ao plano de dissimulação, principalmente no setor a Oeste do Wadi Al Batin. Isso porque a intensão do plano estava dirigida a diminuir a atenção do inimigo no setor por onde seria encaminhado o ataque principal, bombardeando com maior intensidade a área leste do dispositivo de defesa inimigo. Com isso as missões orientadas aos objetivos dos corpos de exército americanos foram

executadas com esforços dispersos e espaçadas em tempo, crescendo em número e intensidade paulatinamente em função da aproximação do dia “G”.

Finalmente chegando aos últimos dias de preparação, a força aérea isolou as unidades iraquianas ao sul do rio Eufrates mediante a destruição das principais pontes que uniam Bagdá com as forças desdobradas no Sul do Iraque e no Kuwait, evitando assim as tentativas de reforços desde o Norte, ou o retraimento das unidades iraquianas, principalmente a Guarda Republicana posto que sua destruição representava o objetivo mais importante do plano aliado.

3.4.2 Preparação da Campanha terrestre

A partir do início da campanha aérea e já fora do alcance das vistas aéreas do inimigo iniciou a adoção do dispositivo inicial para o ataque. Ao mesmo tempo foram concluídas as últimas atividades logísticas que previam o sustento das operações até G+60. As duas situações exigiram medidas diferentes para atingir seus objetivos.

A primeira requeria o deslocamento de dois corpos de exército dos EUA por meios aéreos e terrestres desde suas zonas de reunião a Leste do Wadi Al Batin para Oeste dele, com a particularidade de manter oculta a verdadeira intensão da coalizão e o setor da frente pelo qual avançaria o esforço principal do ataque. O VII Corpo de Exército americano, o mais pesado e que teria a missão principal no ataque, se deslocaria desde as Zonas de Reunião Iniciais (na Cidade Militar do Rei Khalid) para as Zonas de Reunião Finais, já adotando o dispositivo definitivo para o avanço. Esse movimento se iniciaria no dia 14 de fevereiro e teria fim três dias depois. O XVIII Corpo de Exército Aerotransportado realizou o mesmo movimento tendo que atravessar a Zona de Reunião final do VII Corpo de Exército e ocupar a própria mais a Oeste (Zona de Reunião Campbell), empregando a única estrada disponível (Tapline). Para isso utilizou tanto os meios terrestres como aéreos, de maneira a conseguir desdobrar seu meios o mais rápido possível.

Ainda o apoio logístico das operações teve que montar duas bases logísticas avançadas a Oeste do Wadi Al Batin com meios suficientes para permitir a continuidade no avanço. Se bem iniciou essa tarefa com anterioridade aos deslocamentos de força, o tempo não foi suficiente para transladar a totalidade de efeitos, conseguindo somente 60% de abastecimento para o XVIII Corpo de Exército, por ser o mais distante. Contudo o VII Corpo de Exército recebeu a totalidade de efeitos necessários para garantir o cumprimento de sua missão (destruição da Guarda Republicana iraquiana).

O dispositivo inicial para o ataque ficou configurado da seguinte forma: como foi anteriormente descrito o ataque estava composto por uma ação frontal secundária e um desbordamento principal. A frente secundária avançaria em direção geral Norte e estava composta de Leste para Oeste pelos seguintes comandos: Comando das Forças Árabes da Área Leste (da Arábia Saudita e o Kuwait), Comando Central dos Fuzileiros Navais Americanos (MARCENT) e o Comando das Forças Árabes da Área Norte (do Egito, a Síria, a Arábia Saudita e o Kuwait). O Ataque Principal do Oeste continha O VII Corpo de Exército americano (com uma divisão em reforço do Reino Unido) e o XVIII Corpo de Exército Aerotransportado americano (com uma divisão em reforço da França).

Assim cada comando tinha missões diferentes que deveriam cumprir durante o ataque. O Comando das Forças Árabes da Área Leste avançaria na direção geral Norte para enganar ao inimigo e aferrar as suas reservas. Os fuzileiros navais americanos, tendo como comandante o Gen Boomer, atacariam perto da região do cotovelo do Kuwait, onde poderiam ser apoiadas com o fogo naval, penetrando as defesas iraquianas, aferrar as reservas táticas desse setor e ocupar uma posição de bloqueio para conectar com o Comando da Área Norte. Este último, às ordens do Gen Kahlid Bin Sultan, também atravessaria as posições iraquianas e avançaria na direção norte até chegar em As Salem, onde seria feita a conexão. Posteriormente os dois comandos continuariam para Leste e Nordeste, bloqueando os acessos à cidade de Kuwait. Finalmente os dois Comandos Árabes restabeleceriam seu controle sobre a cidade. As ações dos Marines foram intensamente publicadas através dos meios de comunicação na tentativa de enganar o inimigo sobre a localização do esforço principal.

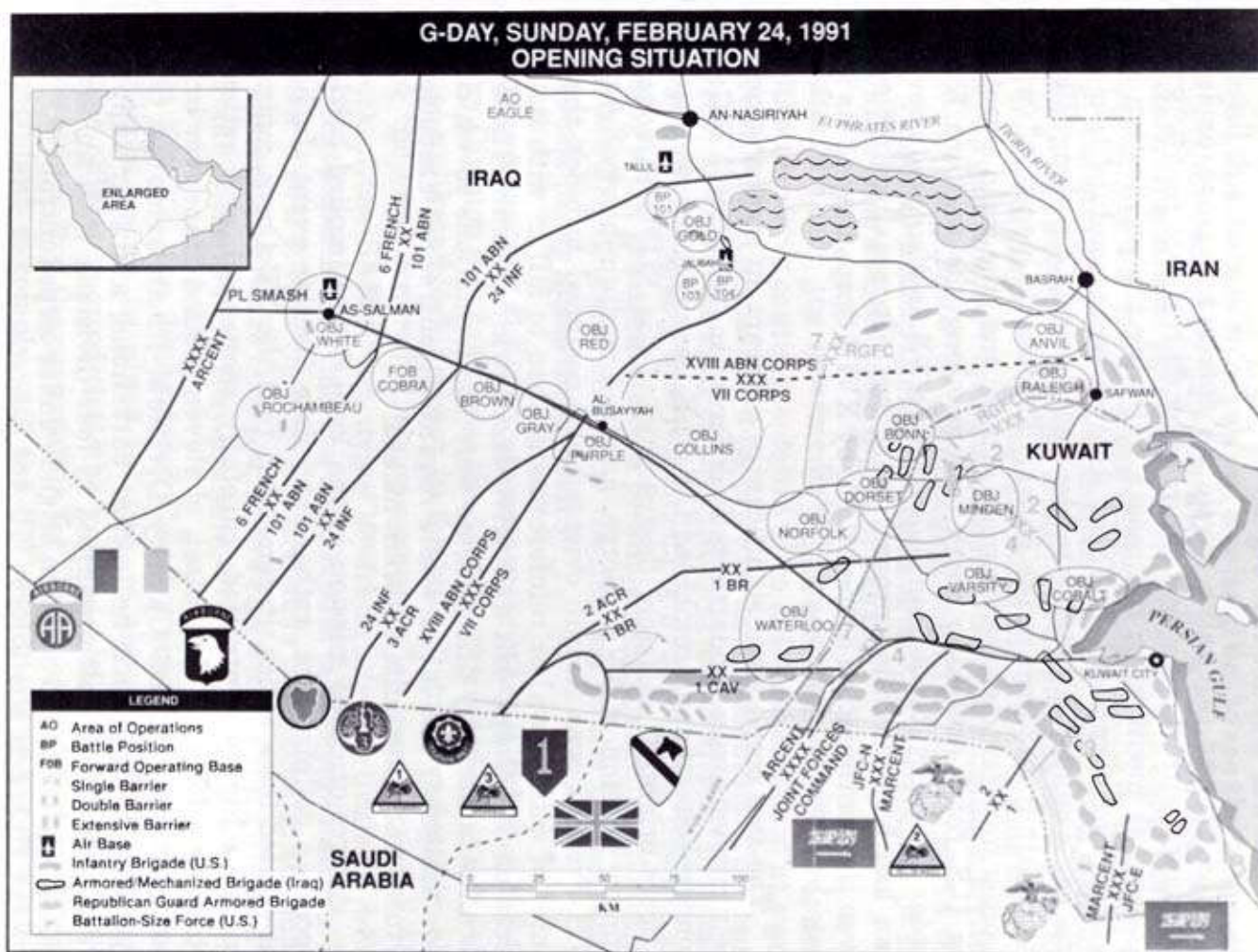
Enquanto isso acontecia o setor Oeste teria duas missões gerais. A Leste o VII Corpo de Exército americano, com o General Franks, abriria brechas no dispositivo inimigo próximo ao Wadi Al Batin, enquanto mais a Oeste avançaria com a principal parte do seu poder de combate por uma franja de terreno livre de obstáculos e com pouca densidade de inimigos. Uma vez atravessadas as defesas, a parte direita do dispositivo viraria para Nordeste e cobriria o flanco exposto da esquerda, enquanto esta avançaria ao encontro da Guarda Republicana para destruí-la no lugar onde fosse encontrada. Já no setor do XVIII Corpo de Exército Aerotransportado, sob o comando do General Luck, o avanço iniciaria por um terreno não ocupado e com algumas dificuldades apresentadas pelo terreno, com a missão principal de proteger o flanco Oeste do ataque do VII Corpo do Exército, facilitar o apoio logístico através do estabelecimento de bases e estradas de suprimento, bloquear os possíveis caminhos de

retraimento e retirada inimigos e por último ficar em condições de reforçar o ataque principal com parte das suas forças. Enquanto o XVIII Corpo teria um comando descentralizado produto das diferentes missões e tipo de elementos componentes, o VII Corpo seria mais centralizado para conseguir aplicar o maior poder de combate possível no momento em que fosse estabelecido o contato com a Guarda Republicana.

Na frente Leste do esforço principal (VII Corpo de Exército americano) encontravam-se sete Divisões de infantaria apoiadas por uma Divisão Blindada, enquanto ao Oeste (XVIII Corpo de Exército) só ocupavam o terreno três Divisões de Infantaria muito dispersas. Essa relação de forças explica em parte a facilidade que tiveram as tropas para se adentrar para o Norte.

Antes e durante o posicionamento final foram realizadas diferentes atividades de preparação para o ataque. Entre elas as mais importantes foram a aclimatação ao deserto e adaptação ao equipamento novo, reconhecimento em força para determinar a frente e fortaleza do inimigo e seus obstáculos e ensaios detalhados da operação.

A aclimatação da tropa ocidental ao terreno desértico foi difícil e implicou medidas como a geração de uma disciplina de hidratação e costumes para a sobrevivência nesse ambiente particular. Mas não foi a temperatura o único problema, mas sim as mudanças bruscas das condições meteorológicas, por exemplo com a ocorrência das tempestades de areia e nevoeiros. Somava-se a essas dificuldades o emprego dos equipamentos de proteção Química Biológica Radiológica e Nuclear (QBRN) devido à permanente ameaça química e biológica do inimigo. Todos os treinamentos foram realizados com a proteção colocada.



Source: Brigadier General Robert Scales et al., *Certain Victory: The US Army in the Gulf War* (Washington, D.C.: Office of the Chief of Staff, 1993).

Figura Nr 5: *Situação inicial no dia G.*

Fonte: SCALES, Robert.

Além de se adaptar ao terreno as tropas também tiveram que receber treinamento específico para o correto emprego dos novos equipamentos e tecnologias que eram empregadas pela primeira vez numa guerra. Entre eles se destacaram o GPS, o tanque M1A1, os Veículos Aéreos Não Tripulados (VANT) e os implementos arados nas Viaturas Blindadas de Combate de Engenharia (VBC Eng). Os pilotos dos helicópteros Apache tiveram que se acostumar a voar com visores noturnos num deserto sem pontos característicos para dimensionar a altura ou posição, posto que existiram casos de acidentes produzidos por essa falência na expertise.

Também foram realizados detalhados ensaios das operações de abertura de brechas nas quais se previa uma grande quantidade de baixas, caso acontecesse um imprevisto. Por isso foi criada uma réplica em escala real das posições iraquianas, mediante as quais os diferentes elementos participantes da abertura e posterior passagem realizaram os ensaios. Também foi importante a prática das formações de ataque, principalmente a 1ª e 2ª Divisões Blindadas

americanas, que realizariam o ataque principal. Com as sucessivas práticas conseguiram solucionar diferentes problemas de Comando e Controle (C²), introduzir a navegação com o emprego do Global Positioning System (GPS) e estabelecer diferentes procedimentos a serem adotados para situações prováveis. Desse jeito foi utilizada a formação em cunha que dava uma grande flexibilidade para reagir às ações inimigas.

No que tange aos reconhecimentos, foram realizados vários deles orientados à determinação da localização dos campos minados e obstáculos iraquianos, assim como para realizar inteligência técnica das minas empregadas. Também foram abertas algumas brechas pequenas para o envio de patrulhas de reconhecimento do dispositivo inimigo, com maior intensidade na fronteira entre o Kuwait e o Iraque para apoiar o plano de dissimulação.

Porém o reconhecimento em força mais importante foi realizado pelos iraquianos em 29 de Janeiro, com o intuito de determinar o poder real das forças e para tentar persuadí-las de entrar nas zonas de destruição preparadas nos setores defensivos dentro do território do Kuwait. Nessa ação o Iraque conseguiu conquistar a localidade fronteiriça de Kahfji, no território da Arábia Saudita. Os aliados contra-atacaram e em 1 de Fevereiro forças árabes conseguiram expulsar os iraquianos, dando provas de sua capacidade em combate.

Esse incidente foi importante por duas razões. Primeiramente confirmou que os iraquianos não eram bons em operações complexas e que eram altamente vulneráveis à observação e interdição aérea quando concentravam suas forças para ações posteriores. Além disso, demonstrou que o engano surtiu efeito, levando ao inimigo a acreditar que o esforço principal se encontrava ao Sul da fronteira do Kuwait com a Arábia Saudita.

Finalmente o dispositivo iraquiano antes do início da operação terrestre estava com o primeiro escalão defensivo moral e logisticamente quebrado, um segundo escalão (reservas táticas) muito desgastado pelo fogo aéreo e da artilharia de campanha e por último um terceiro escalão (reserva operacional) com cinco divisões fortes em posições fortificadas, aguardando na profundidade do Teatro de Operações.

3.4.3 Conclusões Parciais

Da análise da fase preparatória das operações terrestres foram tiradas as seguintes conclusões parciais:

a. Manobra:

- A destruição dos sistemas de Comando e Controle do Iraque debilitou sua cadeia de comando dificultando a toma de decisões nos escalões inferiores.

- O isolamento do Teatro de Operações com a destruição das pontes sobre o rio Eufrates dificultou o reforço e retraimento das forças iraquianas, principalmente da Guarda Republicana.

- O emprego do XVIII Corpo de Exército Aerotransportado para o bloqueio das principais linhas de retraimento e reforço do inimigo facilitou o aniquilamento das forças iraquianas.

- O desenvolvimento e prática da formação em cunha facilitou o avanço contínuo e a destruição tanto na profundidade quanto na primeira linha do inimigo, evitando o retraimento e contra-ataques.

b. Surpresa:

- A destruição dos sistemas de obtenção e transmissão de informação com antecedência facilitou a surpresa na adoção do dispositivo inicial e posterior ataque.

- A seleção dos objetivos campanha aérea com concentração inicial sobre o setor Leste facilitou o engano sobre a localização do esforço principal do ataque.

3.5 Operações terrestres

3.5.1 Dia G

A data do início das operações terrestres foi denominado dia “G” (de ground em inglês) para diferenciá-lo do dia em que começou operação Tempestade do Deserto com a campanha aérea (Dia “D” em 16 de janeiro de 1991). Naquele dia foi planejado uma ação coordenada que começaria com o XVIII Corpo do Exército Aerotransportado americano, o Comando Central dos Fuzileiros Navais Americanos e o Comando Árabe do Setor Leste. No dia seguinte, G+1, avançariam o restante das forças aliadas.

Então conforme o planejado às 0400h, iniciou seu movimento o extremo ocidental do dispositivo com a 6ª Divisão Blindada Leve reforçada com a 82ª Divisão Aerotransportada americana, atravessando uma região de terreno irregular que dificultou moderadamente a trafegabilidade. Eliminou rapidamente as defesas iraquianas muito dispersas através do fogo de helicópteros Gazelle. O inimigo cumpria uma missão mais próxima a dar o alerta do que

oferecer algum tipo de resistência efetiva. Assim conquistou-se no mesmo dia o objetivo secundário “Rochambeu”, intermediário para a continuação das operações futuras.

Mais para Leste e no centro da Zona de Ação do XVIII Corpo de exército Americano, a 101ª Divisão Aerotransportada inseriu tropas na área que se constituiria na Base de Operações Avançada “Cobra” na metade do caminho da rodovia 8 no vale do rio Eufrates. Essa operação foi atrasada em duas horas pelas condições meteorológicas, mas quando os homens desembarcaram dos helicópteros e iniciaram o fogo, as poucas e débeis tropas iraquianas defendendo a região se renderam depois de um combate que durou entre duas e quatro horas. A partir de Cobra se estruturou o apoio logístico, com o apoio por terra de colunas motorizadas levando os suprimentos necessários para a continuação das operações.

Continuando ainda para Leste, já no flanco do XVIII Corpo de Exército americano se encontravam a 24ª Divisão de Infantaria Mecanizada (na verdade possuía material blindado, mas será empregado o nome original do elemento traduzido diretamente) e o 3º Regimento de Cavalaria Blindado, que iniciaram seu avanço para Norte a partir das 1500h com uma velocidade média de 48 km/h e sem encontrar resistência importante durante o dia. Finalizaram a jornada na linha de fase “Smash”, em proximidades à Base de Operações Avançada Cobra, aguardando ser reabastecidos para continuar na manhã de G+1.

Já no setor do VII Corpo do Exército americano não estava previsto o começo das operações até G+1. Porém, visto o avanço rápido e exitoso executado pelo Corpo vizinho, a hora de início do ataque foi adiantada para G às 1500h. Assim o agrupamento Leste iniciou as operações de abertura de brecha com a 1ª Divisão de Infantaria americana, enquanto a 1ª Divisão Blindada do Reino Unido aguardava a retaguarda o momento da passagem. Para esse último elemento significou um adiantamento imprevisto que o obrigou a posicionar rapidamente os seus meios, prescindindo dos transportadores necessários para o deslocamento dos blindados.

A 1ª Divisão de Infantaria conseguiu abrir em duas horas vinte e quatro brechas numa frente de 16 km, isto se viu favorecido pelo fogo de preparação de 30 minutos por parte da artilharia aliada que produto da sua grande superioridade destruiu a totalidade das peças iraquianas que batiam o obstáculo. Ao cair a noite foi conquistada linha de fase “Colorado” que materializava a retirada do fogo direto do inimigo sobre os campos minados.

A rapidez na conquista dos obstáculos se viu favorecida em parte porque a 26ª Brigada de Infantaria iraquiana se encontrava muito dispersa pela frente para cobrir uma área maior para Oeste e com seus meios desgastados fruto da campanha aérea. Ainda a fortaleza dos seus obstáculos não contava com uma cobertura de fogos apropriada, desperdiçando a vantagem da defesa. Quando chegou o momento do ataque terrestre os elementos defensores tinham seu poder de combate muito reduzido e foram totalmente ultrapassados.

Porém, antes de continuar com a passagem da 1ª Divisão Blindada do Reino Unido, foi decidido realizar uma pausa pela noite para evitar o fratricídio e que um eventual contra-ataque iraquiano surpreendesse as forças aliadas no meio da brecha.

Mas no flanco Oeste do VII Corpo de Exército, adotando a opção de desbordar o obstáculo, o 2º Regimento de Cavalaria Blindado desbordou a linha de campos minados pelo limite ocidental, seguido pelas 1ª e 3ª Divisões Blindadas americanas. Esse conjunto avançava com algumas dificuldades a mais do que sua vizinha a 24ª Divisão de Infantaria Mecanizada, mas mantinha um fluxo contínuo. Empregava também como força de cobertura os helicópteros de ataque da 11ª Brigada de Aviação de Exército que facilitavam a rápida detecção e destruição de forças menores, evitando assim o retardo da coluna blindada.

Para evitar o fratricídio os flancos desse agrupamento deixaram uma faixa de 5 km de distância com a 1ª Divisão de Infantaria e com a 24ª Divisão de Infantaria Mecanizada, ainda que com isso frações inimigas conseguissem passar pelos claros entre unidades. Outras forças mais a retaguarda tinham a missão de controlar esses focos inimigos ultrapassados, guardando o maior poder de combate possível para o confronto com a Guarda Republicana.

Num outro setor da ofensiva, a 1ª Divisão de Cavalaria americana realizava desde dias anteriores uma demonstração no Wadi Al Batin, conseguindo provocar que a maior parte das forças iraquianas se concentrassem nessa via de acesso. Continuará nessa missão até G+1, dia em que, segundo o planejamento, passaria a formar parte das forças do VII Corpo de Exército para o ataque contra a Guarda Republicana.

Nas outras frentes secundárias eram acionadas a partir das 0400h as 1ª e 2ª Divisões de Fuzileiros Navais dos EUA. Nessa frente foram realizadas operações de aberturas de brecha na frente mais concentrada e fortificada da posição iraquiana. Relacionado com isso e para evitar numerosas baixas as unidades foram direcionadas para realizar as passagens nos limites entre divisões inimigas. Essa tática significou uma vantagem já que criou dificuldades na

coordenação entre as forças que protegiam os obstáculos. Além disso, os soldados que ocupavam as posições tinham sofrido um grande desgaste em número e na moral, provocando a rendição em massa ao perceberem que o ataque tinha sido desencadeado.

Nessa frente foi percebido durante o assalto às posições que a primeira linha tinha sido desocupada, presságios de que uma retirada geral para o Norte tinha sido empreendida. Isso reforçou a decisão do Comandante do Teatro de Operações para adiantar o ataque da totalidade das forças da coalizão.

Isso foi o que aconteceu com o Comando de Área Norte que teve que avançar às 1500h do primeiro dia, enquanto seu ataque estava previsto em G+1. Essas tropas, localizadas entre o Wadi Al Batin e as divisões dos Fuzileiros Navais, foram retardadas pelos obstáculos, sem conseguir avançar conforme o resto da frente. Como consequência disso, a liberação da 1ª Divisão de Cavalaria americana foi adiada, impossibilitando a chegada dela para participar da destruição da Guarda Republicana.

Outra sorte tiveram as forças árabes que avançavam pela costa. O Comando do Setor Leste atravessou a fronteira às 0800h segundo o planejado e em pouco tempo se encontrava abrindo brechas nos obstáculos iraquianos. Porém ao meio dia as forças árabes ficaram presas no meio de duas barreiras, mas essa oportunidade não foi aproveitada pelo inimigo já que o apoio de fogo aéreo dos aliados impediu o início de uma resposta organizada. Ao cair a noite os aliados chegaram à segunda barreira, provocando que os defensores se rendessem quando observavam a aproximação dos blindados, reflexo do desgaste moral das tropas.

3.5.2 Dia G+1

O dia 25 de fevereiro se caracterizou pelo emprego das reservas táticas na fronteira entre o Kuwait e o Iraque. Nesse local, vários contra-ataques foram dirigidos principalmente contra as divisões de Fuzileiros Navais americanos. Dentro da confusão no campo de batalha algumas ações conseguiram chegar nas profundidades dos dispositivos onde se encontravam as instalações de comando e controle. Mas a maior reação das forças americanas, somado ao melhor equipamento e ao constante fogo aéreo, conseguiu deter todas as incursões iraquianas.

Com isso durante a tarde começou um retraimento generalizado para Norte, normalmente desorganizado. Ainda continuava executando-se a simulação anfíbia na costa do

Kuwait, amplamente televisada pelos meios de comunicação, obrigando a adotar uma dispersão nos esforços defensivos.

Já no setor do XVIII Corpo de Exército americano, a 101ª Divisão Aerotransportada iniciou uma operação aeromóvel com o intuito de cortar a Estrada Nr 8 (Zona de Operações Eagle), o principal itinerário de retraimento e de reforços ao sul do rio Eufrates. Antes da meia noite essa via tinha sido bloqueada e o apoio terrestre se encontrava em movimento para estabelecer o apoio logístico das forças mais adiantadas.

Mais para Oeste a 6ª Divisão Blindada Leve Daguet francesa iniciara a partir das 0530h um ataque contra o aeródromo de As Salman, cuja conquista estabeleceu uma força de segurança contra possíveis reações iraquianas no flanco dos corpos americanos. Apoiando na mesma zona de ação se encontrava a 82ª Divisão de Infantaria Aerotransportada com a missão de eliminar os focos de resistência ultrapassados pelos franceses, evitando assim detenções não necessárias no avanço dos elementos de primeira linha.

O restante do Corpo, a 24ª Divisão de Infantaria Mecanizada, continuou seu avanço pela Zona de ação Leste, e no dia 25 conseguiu avançar sobre a linha de fase Smash, assegurando a estrada principal de suprimento e continuando para objetivos mais para Norte. Com isso e produto da inexistência de resistência inimiga esse elemento foi criando uma brecha na frente com o corpo vizinho, cuja progressão estava sendo dificultada tanto pelo inimigo quanto pelas condições meteorológicas.

Já no eixo de avanço Oeste do VII Corpo de Exército o 2º Regimento de Cavalaria Blindado começou a virar para Leste, liberando a frente da 1ª Divisão Blindada que iniciou seu avanço às 0630h. Com helicópteros de ataque detectando o inimigo à frente essa divisão destruiu a brigada de reserva restante da 26ª Divisão iraquiana entre as 1300h e as 1700h. Enquanto isso ocorria, os helicópteros continuavam para a profundidade do dispositivo inimigo até Al Busayyah, preparando o próximo objetivo da divisão que seria atacado no dia seguinte.

Enquanto isso o 2º Regimento de Cavalaria Blindado continuou o seu avanço em contato durante todo o dia 25, deslocando-se através de uma zona sob efeito de condições meteorológicas muito desfavoráveis e ao mesmo tempo destruindo parte da 12ª Divisão iraquiana. Atrás dele continuava a 3ª Divisão Blindada eliminando as unidades ultrapassadas pela cortina de cavalaria. Porém às 2100h de 25 de fevereiro a 1ª e 3ª Divisões Blindadas detiveram-se, a primeira para preparar o próximo objetivo como foi dito anteriormente, e a

segunda para reorganizar-se antes de estabelecer contato com a Guarda Republicana. Isso acontecia enquanto o 2º Regimento de Cavalaria Blindado repelia as diferentes ações inimigas no decorrer da noite.

Ainda no mesmo dia a 1ª Divisão de infantaria terminou às 1100h a exploração da brecha, continuando para Norte e chegando a ultrapassar o 2º Regimento de Cavalaria Blindado depois do anoitecer e ficando em linha em relação às outras duas divisões dentro do desbordamento. Por outro lado começou a passagem da 1ª Divisão Blindada do Reino Unido e a partir das 1500h surgiu da brecha iniciando imediatamente seu ataque para leste, direcionado contra 52ª Divisão Blindada iraquiana. Durante a noite continuou seu combate empregando o fogo de artilharia na profundidade e duas brigadas à frente atacando alternadamente objetivos ao Norte ou Sul. Também foram empregados meios de Operações Psicológicas para que os defensores se rendessem rapidamente. Este ataque britânico permitiu assegurar o flanco Leste do VII Corpo de Exército americano contra os possíveis contra-ataques na retaguarda das divisões blindadas.

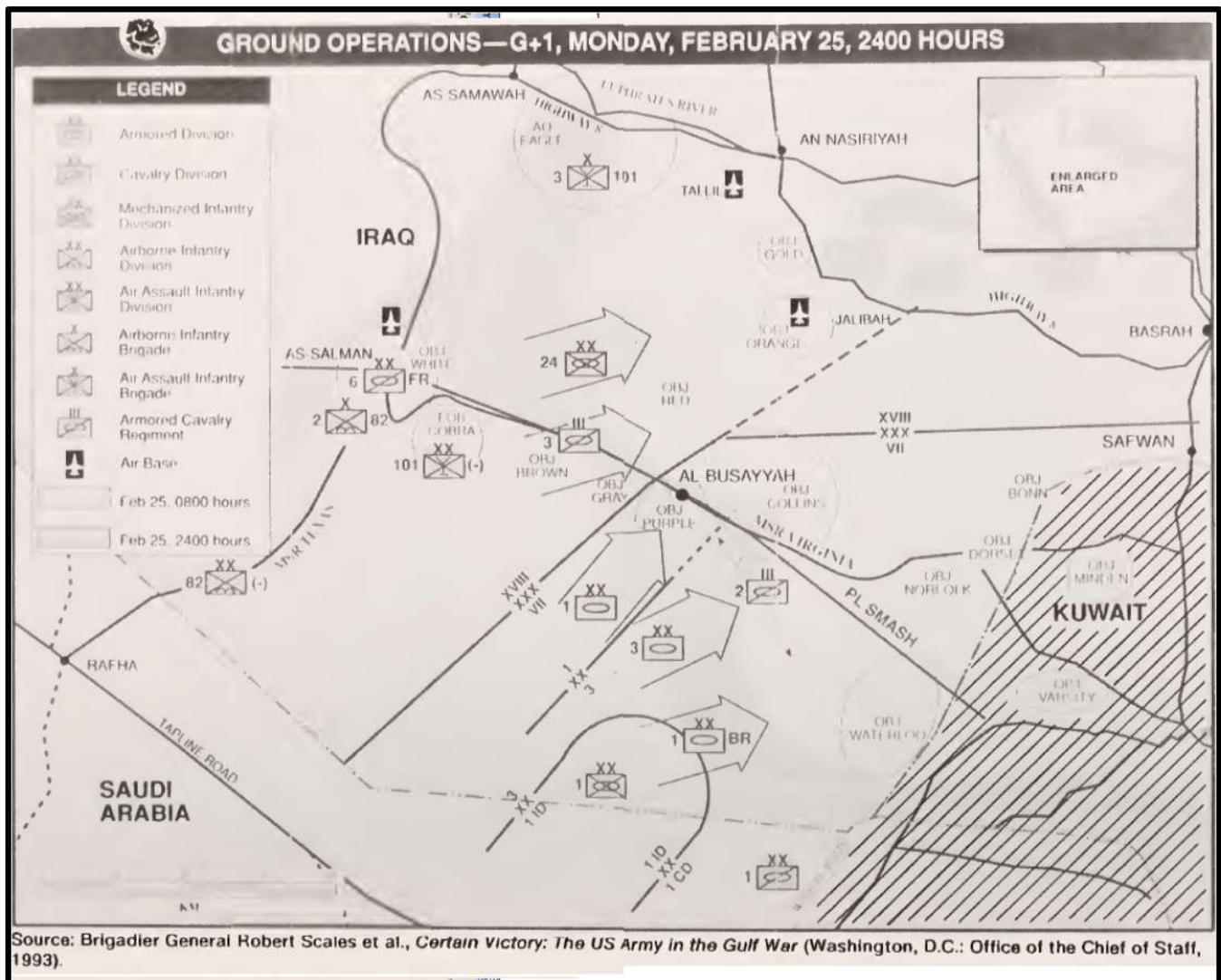


Figura Nr 6: *Situação no final do dia G+1.*
Fonte: SCALES, Robert.

3.5.3 Dia G+2

Por causa do avanço generalizado em toda a frente e com uma ameaça de grandes proporções se aproximando pelo sudeste, o comando iraquiano decidiu empregar a sua reserva estratégica para conter as forças aliadas enquanto o que sobrava do seu exército retraía para Norte com o intuito de salvar a maior quantidade possível de tropas. Foram empregados então duas linhas de retraimento: via Mutla – estrada do Abdaly e pela baía do Kuwait – Ilha de Bubiyan.

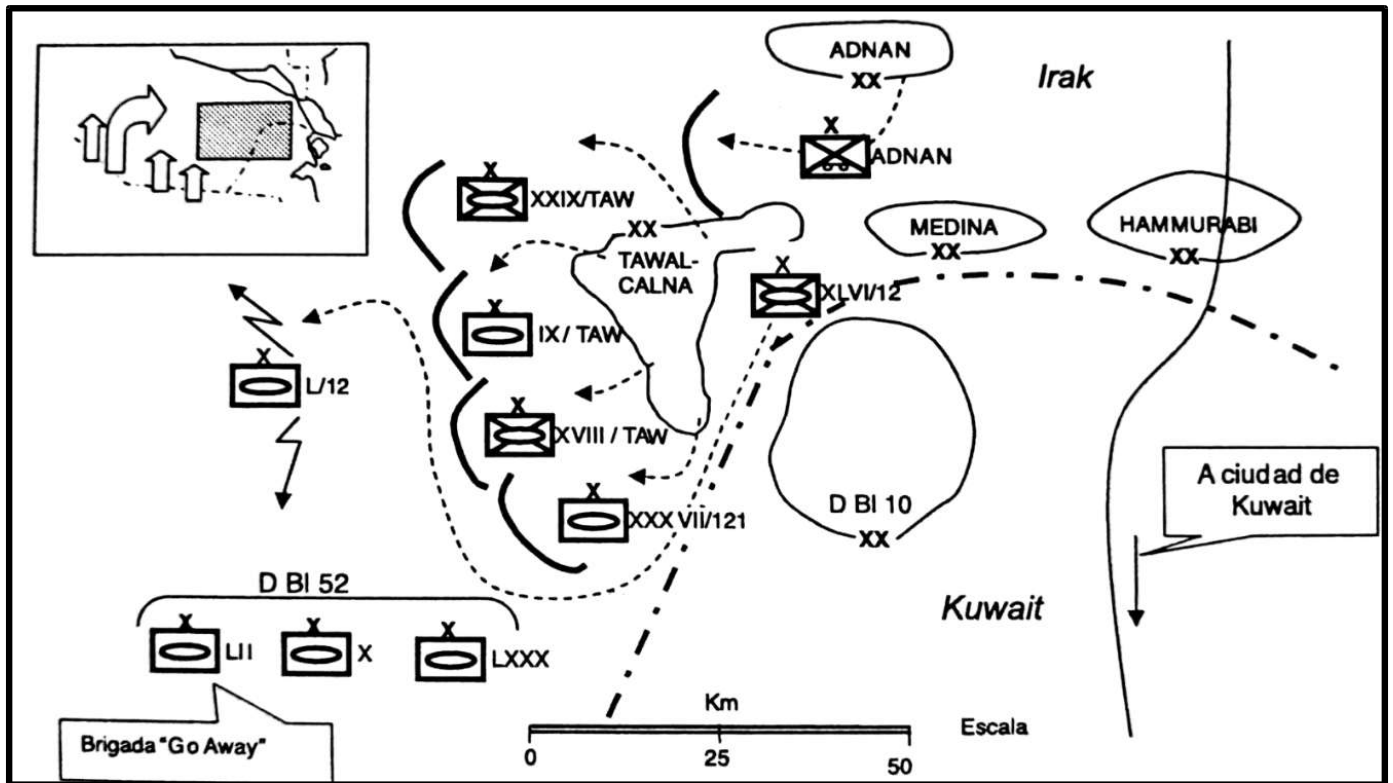


Figura Nr 7: *Adopção do novo dispositivo defensivo da Guarda Republicana.*
 Fonte: CASTELLI, Mariano

No dia G+2 Saddam Hussein anunciou cumprir com todas as resoluções impostas pela ONU. Isto obrigou os comandantes aliados a acelerar as operações para evitar que as forças iraquianas saíssem do Teatro de Operações com capacidade suficiente para continuar ameaçando o território do Kuwait.

A primeira ação do Comando do Setor Leste foi às 0400h o envio de tropas rápidas que conseguissem chegar em pouco tempo na capital do país e ser os primeiros em liberá-la. Mais para Leste os Fuzileiros Navais iniciaram seu movimento com a 1ª Divisão conquistando o Aeroporto Internacional, apoiada com fogo naval, e a 2ª Divisão faria o próprio com o sexto anel de rodovias, perto dos limites da cidade. O ataque era limitado produto da decisão política de que os Comandos Árabes eram os que liberariam a cidade. Em horas da tarde a Brigada Tiguer em reforço aos Fuzileiros Navais, conquistou as alturas de Mutla, fechando o cerco ao redor da cidade.

O Comando do Setor Oeste continuou seu ataque para Norte reconquistando a Base militar de Salmi sem oposição. Este agrupamento de forças tinha um ritmo mais lento do que o resto da frente provocando a retenção da 1ª Divisão de Cavalaria. Ela só foi liberada às 0930h tendo que atravessar a brecha aberta pela 1ª Divisão de Infantaria americana, chegando em

tempo para um ataque no dia 28 que finalmente não ocorreu visto o rápido desenvolvimento das situações que levaram à finalização da guerra.

Já na Zona de Ação do VII Corpo de Exército, as forças da 1ª Divisão Blindada conquistaram nas primeiras horas da manhã a localidade de Al Busayyah, capturando também o quartel general do VII Corpo iraquiano. Posteriormente continuaria para Nordeste na procura da Divisão de Infantaria Mecanizada Tawakalna da Guarda Republicana. Mais a Sudeste a 3ª Divisão Blindada conquistou o Objetivo Collins a Leste de Al Busayyah e após isso se alinhou com sua vizinha a Noroeste. Assim ficou uma frente conformada de Norte para Sul pela 1ª e 2ª Divisões Blindadas, a 1ª Divisão de Infantaria se aproximando em horas da noite, o 2º Regimento de Cavalaria Blindado e a 1ª Divisão Blindada Britânica. Esta última durante a manhã tinha completado a conquista do Objetivo Waterloo e já avançava como continuação da frente blindada.

Os contra-ataques nessa frente foram repelidos pelo grande poder de fogo dos helicópteros Apache, impedindo ainda que os elementos iraquianos conseguissem entrar em contato com as forças americanas. Também o inimigo se rendia em massa provocando dificuldades logísticas para o processamento da grande quantidade de prisioneiros de guerra.

Continuando para Oeste na Zona de Ação do XVIII Corpo de Exército Aerotransportado, a Divisão francesa continuou para Norte conquistando às 1445h a cidade de As Salman, sofrendo poucas baixas na ação. Assim criou uma conexão logística para o Norte com a Estrada Principal de Suprimento Texas enquanto era instalada uma Base Logística Avançada nas proximidades da cidade. Os franceses continuariam na sua função de segurança para Norte e Oeste até o final da operação.

As condições meteorológicas, principalmente os fortes ventos, limitaram o avanço desse Corpo de Exército, principalmente com seus meios aéreos. Porém a 24ª Divisão de Infantaria Mecanizada iniciou um ataque às 1400h contra o objetivo Gold, guiados através de imagens termais e GPS. Assim combateu durante o resto do dia contra parte dos elementos de Infantaria da Guarda Republicana que tinham ocupado novas posições preparadas. A artilharia iraquiana foi localizada por radares e aniquilada pelos helicópteros Apache, enquanto a artilharia de mísseis e os canhões dos Abrams destruíram os blindados iraquianos.

Finalmente nesse dia teve início o confronto com as forças principais da Guarda Republicana. A 1ª Divisão Blindada confrontaria a Divisão Blindada Medina, uma brigada da

Divisão de Infantaria Adnan e remanentes de várias unidades regulares iraquianas. A 3ª Divisão Blindada combateria uma brigada da Divisão Tawakalna, a 10ª Divisão Blindada e parte da 12ª Divisão Blindada. O 2º Regimento de Cavalaria Blindado se bateria contra o restante da 12ª Divisão Blindada e parte da Divisão Tawakalna, sendo depois ultrapassada pela 1ª Divisão de Infantaria que finalizaria com a destruição desses elementos e o resto da 10ª Divisão Blindada iraquiana.

O 2º Regimento da Cavalaria Blindado continuou seu avanço liberando a frente da 3ª Divisão Blindada para permitir o alinhamento das divisões e foi suprido de munição e combustíveis. Às 1500h iniciou seu avanço contra a Tawakalna, protagonizando a batalha de 73º Leste, durante um lapso de 6 horas. Foi depois ultrapassado às 2200h pela 1ª Divisão de infantaria, que dentro dos 20 minutos se encontrava já trocando fogo com as forças iraquianas. Assim o Regimento ficou na reserva até a finalização das hostilidades.

Pela esquerda do Regimento avançava a 3ª Divisão Blindada, que estabeleceu o contato com a Brigada da Tawakalna entre as 1630h e 1700h em proximidades a 72º Leste. Continuou em contato até a chegada do próximo dia.

Mais para Norte encontrava-se a 1ª Divisão Blindada, iniciando seu combate com a Divisão Tawakalna às 1630h mediante o emprego de seus helicópteros de ataque. Uma vez alcançado o inimigo pelas forças terrestres os helicópteros continuaram para a profundidade para fixar a Divisão Medina, objetivo do dia seguinte.

Chegando às 2200h teve início a ultrapassagem da 1ª Divisão de Infantaria, sem sofrer baixas numa operação muito complexa, para posteriormente enfrentar a brigada do extremo Sul da Tawakalna e a 12ª Divisão Blindada, ação continuada até horas da madrugada.

3.5.4 Dia G+3

O dia 27 de fevereiro se caracterizou pela destruição de grande parte da Guarda Republicana por parte do VII Corpo do Exército, enquanto as outras forças no teatro de operações consolidavam as suas conquistas de dias anteriores. Só o XVIII Corpo complementou as operações ofensivas através de interdições nas linhas de retraimento iraquianas.

No nível político as pressões internacionais estavam voltadas para a finalização imediata da guerra, fator que pesava muito na imposição de acelerar o máximo possível as

operações e produzir o aniquilamento do poder militar iraquiano. Contudo a logística começou a sofrer as limitações das distâncias de apoio assim como a degradação das estradas principais de suprimentos atingidas pela inclemência das condições meteorológicas sofridas em dias anteriores.

Essas limitações foram sofridas pela 1ª Divisão Blindada que requereu o fornecimento de combustível por parte da 3ª Divisão Blindada para conseguir continuar com o avanço. Durante a madrugada aquela divisão destruiu uma Brigada da Tawakalna e a partir das 0810h até horas da noite se bateu contra a Medina, destruindo-a junto a remanentes de outras divisões regulares. Fica em destaque nessas ações o ativo emprego de apoio de fogo tanto da artilharia quanto de aviação de exército com plataformas de asa fixa e rotatórias, principalmente na profundidade do dispositivo inimigo para prepara-lo ou fixa-lo antes do ataque blindado.

A vizinha 3ª Divisão Blindada durante a madrugada tinha conseguido ultrapassar a primeira linha defensiva e com as primeiras luzes encontrou-se com um segundo escalão, que destruiu em uma hora. Porém o desgaste na 2ª Brigada foi tão forte que teve que ser ultrapassada pela 3ª Brigada. Assim com a frente reconstituída continuou o avanço durante o dia todo, alternando ataques com capturas de prisioneiros. Chegada a noite a Divisão ultrapassou o limite com o Kuwait.

A 1ª Divisão de Infantaria chegou até retaguarda do inimigo às 0430h e continuou para o deserto aberto. Aproveitou essa pequena pausa de fogo para reabastecer de combustível e posteriormente continuar com o aproveitamento do êxito. As ações terminariam à noite com o esquadrão divisionário bloqueando a estrada Kuwait-Basrah e o resto das tropas posicionadas para um desbordamento pelo flanco Sul da Guarda Republicana.

Mais pro Sul a 1ª Divisão Blindada Britânica atravessou o limite internacional continuando para Nordeste. Assim que se reuniu com o Comando do Setor Norte e o Corpo de Fuzileiros Navais se aprontou para ser empregado caso fosse necessário.

Já na Zona de Ação do XVIII Corpo de Exército americano, a 24ª Divisão de Infantaria Mecanizada e o 3º Regimento de Cavalaria Blindado conseguiram conquistar os objetivos Gold e Tim respectivamente. O segundo objetivo se transformaria às 0900h na Base de Operações Avançada Viper, de onde partiram missões de interdição por parte dos helicópteros de ataque da 101ª Divisão Aerotransportada sobre a Área de Operações Thomas, localizada a noroeste de Basrah. Essa última ação se estendeu das 1430h até as 1830h, quando a combinação entre

condições meteorológicas desfavoráveis, noite e a fumaça levantada pelos campos de petróleo e equipamentos em chamas fizeram com que a operação dos helicópteros foi dificultada. Porém foram destruídas grandes quantidades de equipamentos das forças iraquianas que se encontravam retraindo para Norte.

Enquanto isso a 24ª Divisão de Infantaria junto com o 3º Regimento de Cavalaria Blindado, sob controle operacional daquela, continuaram para Leste conquistando dois aeródromos. À noite reabasteceram e continuaram o planejamento para atacar às 0400h do dia seguinte a mesma via que a 101ª tinha interditado.

3.5.5 Final da Guerra

Já no dia 28, a urgência política por acabar com a guerra se colocou por cima dos objetivos militares. A ordem do cessar fogo veio acontecer às 0800h, dando tempo porém a algumas ações. Tais foram: o bloqueio por parte da 1ª Divisão de Infantaria americana na via que comunicava Safwan com a cidade de Kuwait e o avanço da 1ª Divisão Blindada para bloquear ao norte de Jarrah. A primeira delas não foi completada satisfatoriamente, posto que antes de conquistar a região o cessar de hostilidades entrou em vigor, deixando assim mais uma linha de retraimento livre para o inimigo.

Contudo alguns elementos iraquianos conseguiram se retirar com êxito para norte através de Basrah, principalmente a Divisão Hammurabi da Guarda Republicana, ou também de pontes lançadas pela engenharia sobre o rio Eufrates. Com isso o cerco planejado pelas forças americanas não chegou a se materializar, e o objetivo operacional da destruição da Guarda Republicana não foi alcançado.

Nos dias seguintes as forças da coalizão realizaram as tratativas de paz e processaram a grande quantidade de prisioneiros de guerra que ficaram no terreno. O Iraque teve também que assumir a responsabilidade total dos danos, renunciar à anexação do território do Kuwait, colaborar com a identificação dos obstáculos minados, entre outras obrigações.

3.5.6 Conclusões Parciais

Do desenvolvimento das operações terrestres foram extraídas as seguintes conclusões parciais:

a. Manobra:

- O aproveitamento do êxito obtido nas primeiras ações do dia G facilitou uma rápida aproximação ao centro de gravidade inimigo assim como a queda geral das posições do primeiro escalão inimigo.

- As limitações políticas para diminuir ao máximo as perdas em vidas humanas dificultaram a continuidade das operações e o fechamento do cerco final, tendo que fazer repetidas detenções para reorganizar e evitar os episódios de fratricídio.

- O emprego de helicópteros de ataque ou forças de cobertura à frente facilitou a continuidade das ações assim como permitiu descobrir e desarticular contra-ataques inimigos antes que eles atingissem as forças principais. Esses esforços eram complementados pelas forças a retaguarda mediante a eliminação de bolsões de inimigos ultrapassados. O emprego dos Apache também permitiu realizar operações de interdição na profundidade do dispositivo inimigo, tanto fixando quanto desgastando suas forças, enquanto as forças principais combatiam com a primeira linha.

- O direcionamento dos ataques para os limites das posições entre elementos facilitou a penetração gerando uma dificuldade na coordenação dos esforços inimigos interunidades.

- Os grandes desgastes sofridos pelas tropas somado às operações psicológicas realizadas pelos elementos do primeiro escalão permitiram quebrar a moral do inimigo produzindo uma rendição em massa sem necessidade de atacar.

- A retenção muito prolongada da 1ª Divisão de Cavalaria americana dificultou seu emprego efetivo no ataque principal do VII Corpo de Exército americano e com isso impediu explorar a vantagem para fechar o cerco pelo Norte da posição defensiva da Guarda Republicana.

- O emprego das Bases de Operações Avançadas Cobra e Viper com o emprego de forças aeromóveis e helicópteros de ataque permitiu a projeção do poder de combate para a profundidade do dispositivo inimigo, interditando a grandes distancias e em pouco tempo seus caminhos de retraimento e destruindo suas retaguardas de combate.

- O emprego por parte dos britânicos das brigadas da frente alternadamente facilitou o posicionamento prévio ao ataque para cada objetivo. Também gerou uma vantagem posto que os objetivos eram atacados desde duas direções ao mesmo tempo e com apoio de fogo que podia ser direcionado alternativamente para cada esforço principal.

- Os meios tecnológicos dos blindados permitiram avançar através de condições meteorológicas adversas sem a necessidade de deter o movimento e conseguindo se orientar para alcançar a posição mais favorável contra o inimigo. Porém esses momentos impediam o apoio de helicópteros.

- As dificuldades logísticas produto das condições meteorológicas ruins e das grandes distâncias dificultou o fechamento do cerco pelo norte e o avanço das divisões do VII Corpo de Exército americano.

b. Surpresa:

- A ação de demonstração da 1ª Divisão de Cavalaria americana facilitou que a maior parte das forças iraquianas se concentrasse no Wadi Al Batin liberando aquelas empregadas pelo ataque principal.

- A disposição em tempo real de informação do inimigo no terreno facilitou a localização e destruição das forças, assim como a antecipação a prováveis contra-ataques.

- A simulação anfíbia na costa do Kuwait, amplamente televisada pelos meios de comunicação obrigou o inimigo a adotar uma dispersão nos esforços defensivos facilitando o avanço das forças terrestres no restante das frentes.

- O emprego de aparelhos de visão termal e noturna nos carros de combate americanos permitiu empregar as tempestades e a noite contra o inimigo, atacando-o antes que ele tenha percebido a presença dos blindados.

- A confusão criada nos combates do setor defensivo da fronteira do Kuwait em combinação com oportunos contra-ataques surpreendeu as retaguardas de combate dos Fuzileiros Navais e as tropas kuaitianas. Porém a rápida reação e superior tecnologia dos atacantes detiveram os iraquianos e os repeliram.

- A ignição dos poços de petróleo por parte dos iraquianos assim como as condições meteorológicas facilitaram o encobrimento do retraimento iraquiano em direção a Basrah.

4. CONCLUSÕES

4.1 Fatores de êxito

Em função do estudo realizado e relacionado com os princípios de guerra escolhidos para a análise da Operação Tempestade do Deserto foram selecionados os fatores que contribuíram para conseguir a vitória. Com o intuito de apresentar o raciocínio mais organizado serão agrupados por nível de planejamento.

- Nível Político: Isolamento do Iraque.
- Nível Estratégico: Rápida Mobilização.
- Nível Operacional: Dissimulação, Supremacia Aérea e Tecnologia.
- Nível Tático: Desbordamento, Interdição e Tecnologia.

4.2 Fatores relacionados ao princípio da Manobra

A ação de isolar politicamente o Iraque do resto do mundo está extremamente ligada com a manobra. Isto considerando o sentido mais abstrato do princípio, relacionado a colocar o inimigo numa desvantagem relativa e ganhar a iniciativa. Assim o Iraque perdeu rapidamente o seu principal aliado e fornecedor de inteligência (a Rússia). Ganhou como inimigos a grande parte dos países islâmicos, produto da influência americana. E ainda sua conquista foi deslegitimada no resto do mundo. Em contrapartida para os EUA significou o apoio da ONU, seus aliados da OTAN e a legitimação de uma intervenção no Oriente Médio.

Já no nível estratégico, a projeção do poder militar dos EUA ao redor do mundo permitiu uma rápida mobilização para o Teatro de Operações e contribuiu para dissuadir a continuação das operações ofensivas por parte do Iraque, em franca desvantagem na relação de poder de combate aéreo. Isto também permitiu a utilização das instalações e recursos locais de Arábia Saudita, sem os quais a campanha terrestre teria sido muito mais complicada.

Em um nível de planejamento mais baixo existiu uma grande influência da supremacia aérea. Isso não só permitiu o desgaste e isolamento das forças no teatro de operações, mas também deixou os iraquianos sem possibilidades de realizar qualquer tipo de ação sem sofrer baixas, enquanto a coalisão conseguiu se deslocar pelo teatro de operações sem ameaças na retaguarda do próprio dispositivo.

Porém grande parte do êxito se deve às operações de dissimulação. Apesar de elas estarem mais ligadas com o princípio da surpresa, também influenciaram na manobra. O respeito ao sigilo provocou um retardo na adoção do dispositivo inicial, porém os efeitos

positivos superaram os negativos, permitindo um deslocamento pelo setor mais fraco da defesa inimiga com a força mais poderosa da coalisão.

No nível tático tanto o desbordamento como a interdição atuaram com sinergia no esforço. O desbordamento colocou as forças principais do inimigo recebendo um ataque de uma direção não prevista e com um poder de combate muito superior que acabou destruindo-a. Enquanto a interdição se encarregou de evitar que aqueles que empreenderam a retirada não conseguissem escapar sem sofrer baixas.

Por último a tecnologia influenciou principalmente nos níveis tático e operacional, mas em geral se encontrava presente em todos os níveis. A tecnologia das novas plataformas de combate permitiu uma supremacia total sobre os meios iraquianos, sendo responsável em grande parte pela aniquilação do inimigo com uma mínima quantidade de baixas. Para o Nível operacional serviu para prover um detalhado panorama da situação permitindo estabelecer a melhor linha de ação em tempo real.

4.3 Fatores relacionados ao princípio da Surpresa

A obtenção da surpresa na Operação Tempestade do Deserto pode ser relacionada com os níveis operacional e tático. A respeito do primeiro pode se dizer que as operações de dissimulação montadas antes do inicio das ações permitiram atingir o inimigo totalmente desprevenido com o máximo poder de combate disponível. É por isso a máxima expressão do principio nesse conflito.

A supremacia aérea contribuiu secundariamente com a surpresa, tanto no primeiro bombardeio surpresa em Bagdá quanto na manutenção do sigilo quanto à verdadeira localização do esforço principal do ataque e a eliminação dos meios de obtenção de informação do inimigo (aviões e radares).

Já no que tange à tecnologia, a surpresa se viu beneficiada produto dos avances nos dispositivos de visão noturna e termal, dando a capacidade às tropas de atacar ao inimigo antes que ele perceba a presença do atacante.

Bibliografia

Fontes Argentinas

1. CASTELLI, Mariano. “**Viento y Desierto: Cien horas de operaciones terrestres**”, Ed Edivern, 2007.

Fontes Americanas

1. SWAIN, Richard M. “**Lucky War: Third Army in the Desert Storm**”, 1. Ed, U.S. Army Command and General Staff College Press, 1994.
2. PERRAUT, Richard E. “**Gulf War lessons learned by Iraq: AKA how to fight the unites states and win**”, Ed Naval War College, 1994.
3. SCALES, Robert H. “**Certain Victory: The US Army in de Gulf War**”, U.S. Army Command and General Staff College Press, 1994
4. BROWN, Ronald J. “**US Marines in the Persian Gulf, 1990-1991: With Marine Forces Afloat in Desert Shield and Desert Storm**”, U.S. Marine Corps, 1998.
5. MILITARY REVIEW. “**Sep 91**”, U.S. Army Command and General Staff College Press, 1991.
6. MILITARY REVIEW. “**Jan 92**”, U.S. Army Command and General Staff College Press, 1992.
7. MILITARY REVIEW. “**Feb 92**”, U.S. Army Command and General Staff College Press, 1992.
8. MILITARY REVIEW. “**Apr 92**”, U.S. Army Command and General Staff College Press, 1992.
9. MILITARY REVIEW. “**Jun 92**”, U.S. Army Command and General Staff College Press, 1992.

Fontes brasileiras

1. BRASIL. Exército. **C 124-1: Estratégia**. 3. ed. Brasília, DF, 2001.
2. BRASIL. Exército. **EB20-MF-10-102: Doutrina Militar Terrestre**. 1. ed. Brasília, DF, 2014.